



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E**

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

TRABALHO DE FIM DE CURSO

**Relação entre a Orientação Sexual dos Homossexuais (gays e lésbicas) e a
Orientação Sexual de Seus Familiares**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de
Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane.

AUTORA:

Nilsa Bernardo Massalambane

SUPERVISOR:

Dr. Neto Sequeira

Maputo, Junho de 2017

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**Relação entre a Orientação Sexual dos Homossexuais (gays e lésbicas) e a
Orientação Sexual de Seus Familiares**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Nilsa Bernardo Massalambane

Supervisor:

Dr. Neto Sequeira

Maputo, Junho de 2017

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Nilsa Bernardo Massalambane

Supervisor:

Dr. Neto Sequeira

O Júri:

O Supervisor

A Presidente

O Oponente

Maputo, Junho de 2017

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, **NILSA BERNARDO MASSALAMBANE**, declaro por minha honra que o presente trabalho de pesquisa para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, cujo tema é *Relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares*, é fruto das minhas pesquisas e não foi em momento algum publicado por alguém ou por uma outra instituição, estando indicada no texto a bibliografia da informação que utilizei para sua elaboração.

Maputo, Junho de 2017

(Nilsa Bernardo Massalambane)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao meu pai Bernardo Massalambane (em memória) e à minha mãe (Deolinda José Munguambe) que desde a minha infância até agora tem dedicado a vida a mim e aos meus estudos, sendo pai e mãe ao mesmo tempo. Sem a minha super mãe, não teria chegado tão longe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela inspiração e por não ter-me faltado nos momentos em que mais precisei de força e incentivo para continuar esse percurso estudantil que não é fácil.

Agradeço incondicionalmente ao meu supervisor Dr. Neto Sequeira pelo apoio, disponibilidade e paciência que teve comigo desde o momento da elaboração do projecto, até esta fase da monografia, pois sem sua ajuda, suas sugestões e críticas, nada disso seria possível.

Agradeço a Associação Lambda por ter nos facilitado o acesso ao grupo alvo e também agradeço a participação dos informantes na pesquisa, pois sem eles não seria possível a realização desta pesquisa.

À minha família, minha mãe (Deolinda José Munguambe), meus irmãos (Nildo e Fázio), e ao meu tio (Fino Massalambane) pelo amor e carinho, assim como pelo apoio moral e material concedido ao longo da minha formação.

Os meus agradecimentos vão igualmente a Safiana Pinto, Verónica da Conceição, Lina Belarmino, Dalila Tembe, Lina Chitumo e Almirante Guambe, que me apoiaram na elaboração da monografia.

RESUMO

Este estudo tem como objectivo geral compreender a relação entre a orientação sexual dos homossexuais e a orientação sexual de seus familiares. Partimos do pressuposto de que, não se podem dissociar aspectos familiares e sociais ao se olhar para a orientação sexual dos homossexuais. Tivemos como suporte teórico, a perspectiva de Construção Social da Realidade de Berger e Luckmann (2004).

Os dados revelam que o processo de percepção da orientação sexual dos homossexuais não ocorre de forma homogénea, havendo homossexuais que afirmaram ter ocorrido muito cedo, ainda na sua infância. Para outros, o processo de percepção da sua orientação sexual ocorreu mais tarde, depois de algum tipo de estímulo, um contacto afectivo com pessoas do mesmo sexo.

As percepções em relação ao facto da homossexualidade ser ou não uma opção sexual são homogéneas, na medida em que os homossexuais (gays e lésbicas) afirmaram não ser uma opção sexual, mas inerente à sua pessoa, e que foi se revelando naturalmente à medida que foram crescendo. No entanto, percebem que a escolha foi de assumirem socialmente a orientação homossexual, e não dos desejos sexuais.

Em alguns casos, a orientação sexual dos homossexuais pode ser compreendida tendo em conta à sua família, pois verifica-se repetições de padrões relacionais, ou seja, quanto à orientação homossexual. Assim, percebemos que não só o contexto social influencia na orientação sexual dos homossexuais, mas também, o contexto familiar influencia na sua orientação sexual. Concluímos que, pese embora a orientação sexual não seja uma opção para os homossexuais, os factores como os valores culturais estão presentes no momento de decisão da assunção ou não da orientação homossexual.

Palavras-chave: Homossexualidade, Orientação sexual e Família.

ABSTRACT

This study has the general objective to understand the relationship between the sexual orientation of homosexuals (gays and lesbians) and the sexual orientation of their relatives. We assume that can't dissociate familiar and social aspects when looking at the sexual orientation of homosexuals. We had as theoretical support the perspective of Social Construction of the Reality of Berger and Luckmann (2004).

The data shows that process of perception of the sexual orientation of homosexuals does not occur homogeneously, with those homosexuals who said that they occurred very early, still in their infancy. For others, the process of perception of their sexual orientation occurred later, after some kind of stimulation, an affective contact with people of the same sex.

Perceptions about whether or not homosexuality is a sexual option are homogeneous, insofar as homosexuals (gays and lesbians) claim not to be a sexual option, but inherent in their person, and that it has naturally revealed itself as they have grown. However, they realize that the choice was to socially assume their sexual orientation, not sexual desires.

In some cases, the sexual orientation of homosexuals can be understood taking into account their family, because there are repeated patterns of relational patterns, that is, as to homosexual orientation. Thus, we perceive that not only the social context influences the sexual orientation of homosexuals, but also, the family context influences their sexual orientation. We conclude that, although sexual orientation is not options for homosexuals, factors such as cultural values are present at the moment of homosexual decision-making or not.

Keywords: Homosexuality, Sexual Orientation, Family

LISTA DE ABREVIATURAS

GLS – Gays, lésbicas, simpatizantes

HSH – homens que fazem sexo com homens

MSM – Mulheres que fazem Sexo com outras Mulheres

LGBT – Gays, Lésbicas Bissexuais, Travestis e Transexuais

LAMBDA – Associação de Defesa de Minorias Sexuais

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
ABREVIATURA.....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
A história da evolução da concepção de homossexualidade	3
Capítulo I. REVISÃO DA LITERATURA	6
1.1. Abordagem de construção da identidade social.....	6
1.2. Abordagem de estigma	9
Capítulo II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	12
2.1. Teoria Base	12
2.2. Definição e Operacionalização de Conceitos	13
2.2.1. Orientação sexual.....	13
2.2.2. Homossexualidade	14
2.2.3. Família	15
Capítulo III. METODOLOGIA	16
3.1. Método de procedimento	16
3.2. Método de abordagem.....	17
3.3. Técnica de recolha de dados	17
3.4. População e delimitação da amostra	18
3.5. Procedimentos de recolha de dados	19
3.6. Constrangimentos da pesquisa.....	20
Capítulo IV. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS EMPÍRICOS	21

4.1. Perfil sócio-demográfico dos homossexuais (gays e lésbicas)	21
4.1.2. Perfil sócio-demográfico dos pais.....	22
4.2. Trajectórias Afectivas e Sexuais dos homossexuais (gays e lésbicas)	23
4.2.1. Relacionamento dos homossexuais (gays e lésbicas) com familiares	30
4.3. Percepções da homossexualidade entre os homossexuais (gays e lésbicas).....	33
4.4. Relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a de seus familiares.....	38
4.5. Percepções dos pais em relação à orientação sexual de seus filhos.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
Anexos	53

INTRODUÇÃO

Esta monografia está subordinada ao tema: *Relação entre a Orientação Sexual dos Homossexuais (gays e lésbicas) e a Orientação Sexual de seus Familiares*. O objectivo principal que norteou o estudo é o de compreender a relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares, particularmente aqueles que estão filiados a Associação Lambda na Cidade de Maputo.

O alcance do objectivo geral desta pesquisa passou pela definição de quatro (4) objectivos específicos: (i): descrever as trajectórias afectivas e sexuais dos homossexuais (gays e lésbicas); (ii): identificar e descrever as percepções da homossexualidade entre os homossexuais (gays e lésbicas); (iii) relacionar a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) com a orientação sexual de seus familiares; e, (iiii) descrever as percepções dos pais em relação à orientação sexual de seus filhos.

Defendemos o pressuposto de, não se podem dissociar aspectos familiares e sociais ao se olhar para a orientação sexual dos homossexuais.

Os dados empíricos deste estudo foram recolhidos na Associação Lambda. O que nos motivou para a escolha desta associação pretende-se ao facto de constituir um local de sociabilidade homossexual, e por constituir a única organização que defende os direitos das minorias sexuais.

A pergunta de partida que orientou o nosso estudo é a seguinte: *existe relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares?*

Como hipótese, propusemos que, não só o contexto social influencia na orientação sexual dos homossexuais, mas também, o contexto familiar influencia na sua orientação sexual.

A escolha do tema foi orientada por um conjunto de leituras feitas acerca da homossexualidade, que demonstram a existência do preconceito por parte da sociedade em lidar com pessoas com a orientação homossexual, e na qualidade de estudantes encontramos-nos preocupados com o inúmero caso de homossexuais que se definem como anormais, e que procuram meios de reverter a sua orientação sexual, de modo a seguirem com o padrão de comportamento sexual aceite.

Analisar a relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares é uma contribuição para a literatura sociológica, uma vez que, os estudos têm se limitado apenas à vertente construtivista, e não analisam a homossexualidade sob o ponto de vistas de suas famílias. Assim, este estudo tem uma relevância sociológica, na medida em que pretende abordar a homossexualidade tendo em conta o que acontece nas famílias dos homossexuais.

O roteiro da presente monografia apresenta-se da seguinte forma: em primeiro lugar apresentamos a introdução, onde procuramos demonstrar o argumento, os objectivos do trabalho, a justificativa, e trazemos estudos que nos permitiram fazer uma contextualização histórica da homossexualidade em diferentes fases da humanidade.

No primeiro capítulo, apresentamos a revisão da literatura, onde trazemos estudos empíricos sobre a homossexualidade, que nos permitiram agrupar em duas abordagens: construtivista e estigma.

No segundo capítulo do trabalho, apresentamos o enquadramento teórico e conceptual. A teoria usada foi de Construção Social da Realidade de Berger e Luckmann (2004), e os conceitos definidos e operacionalizados foram os seguintes: homossexualidade, orientação sexual e família.

No terceiro capítulo do trabalho, apresentamos a metodologia do estudo, onde definimos o método qualitativo como o fundamental. Neste estudo, definimos o método de abordagem como o hipotético-dedutivo; o método de procedimento como monográfico; entrevistas semi-estruturadas como técnica de recolha de dados e; para a selecção do grupo alvo a amostragem por conveniência ou acessibilidade. E ainda neste capítulo, apresentamos o processo de colecta de dados e os constrangimentos da pesquisa.

O quarto capítulo, é dedicado a análise e interpretação dos dados, onde buscamos confrontar a hipótese com o material empírico, de modo a alcançar os nossos objectivos. Por fim, trazemos as considerações finais, de modo a testar a nossa hipótese e demonstrar que todos objectivos foram efectivamente alcançados. Na sequência, apresentamos as referências bibliográficas e os anexos.

A história da evolução da concepção de homossexualidade

Ao longo do tempo, a homossexualidade foi assumindo várias formas. No entanto, consideramos fundamental trazer uma breve perspectiva histórica acerca do processo evolutivo da concepção de homossexualidade.

A sexualidade é um aspecto presente e influente no quotidiano, pois, ela não somente implica nas relações entre pessoas de sexo diferentes, mas define suas concepções e expectativas. Influi em áreas como: trabalho e amizade e por vezes de forma imperceptível (Henrique *et al.*, s/d).

O termo homossexualismo foi proposto pelo médico Húngaro Benkert, com a finalidade de transferir do domínio jurídico para o domínio médico esta questão da sexualidade (Miskolci, 2007).

Na idade média, a igreja torna-se a maior perseguidora das pessoas com a orientação homossexual, e qualquer acto sexual desprovido de função procriativa era caracterizado como pecado. As relações homossexuais recebiam o sufixo "ismo", e eram consideradas pela ciência e religião como uma anomalia da natureza (Henrique *et al.*, s/d).

Na mesma senda, Ceccarelli (2000), afirma que a visão da sociedade quanto à identidade sexual começou a mudar quando a igreja relacionou a moralidade com a conduta sexual, criando uma norma que proibia qualquer tipo de relacionamento que não fosse entre homem e mulher com o objectivo da procriação. No entanto, a partir de 1993, a homossexualidade deixa de ser classificada como doença, e passa a ser definida como uma orientação sexual, ou seja, a CID (Classificação Internacional de Doenças) retirou o sufixo “ismo”, do termo homossexualismo, que significa doença e substituiu pelo “dade” que quer dizer modo de ser. Assim, na actualidade a terminologia homossexualismo não é correcta, mas homossexualidade.

Na idade moderna, tudo que fugisse das relações matrimoniais voltadas para a reprodução era considerado “contra a natureza” e “contra a lei” (Henrique *et al.*, s/d).

A noção de uma sexualidade má, errada, suja, entre outras formas, tem sua origem em noções que vão passando de geração para geração sem serem questionados. Assim, criou-se um imaginário que definia a figura dos homossexuais, entre outros que exercem práticas sexuais fora da finalidade de procriação, como pessoas moralmente desordenadas (Butler, 2003).

Desde sua invenção médico-legal, a homossexualidade representou uma suposta ameaça à ordem, uma prática estigmatizada e passou a ser encarada como um desvio da normalidade, e o homossexual tornou-se alvo de preocupação por encarar "temores" de uma sociedade com rígidos padrões de comportamento (Miskolci, 2007).

A partir de meados do século XX, houve maior tolerância e respeito aos homossexuais, como reflexo da posituação dos direitos humanos e do princípio da dignidade da pessoa humana. Entretanto, os homossexuais passaram a se organizar juridicamente, através de grupos de pressão voltados para a defesa dos seus direitos de cidadania (Butler, 2003).

Na época pós-moderna, a maior preocupação no que diz respeito à homossexualidade, tem sido a violência simbólica contra homossexuais que está presente em nossa sociedade, tanto pela linguagem utilizada, quanto pela forma com que os gays e as lésbicas assumidos são olhados quando passam pelas ruas e avenidas, pois, os murmúrios, o riso de gozo, as palavras ofensivas têm sido as reacções mais tentadoras e “naturais” para muitos. E, os dedos que indiscretamente se lhes apontam reflectem implícita ou explicitamente o que vai à mente de cada um quando olha para os homossexuais (Nota, 2012).

Manuel (2012), salienta que “em África é bastante difundida a ideia segundo a qual a homossexualidade é uma prática exógena ao continente e resultado de contactos que foram estabelecidos com povos estrangeiros”.

Na sua óptica, a percepção de práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo no continente africano era inexistente, pois estas sociedades davam valor aos casamentos heterossexuais e à reprodução. Porém, na actualidade, estas sociedades ainda continuam a dar valor aos casamentos heterossexuais.

No contexto moçambicano, a informação que existe sobre a homossexualidade foi produzida por Organizações que se dedicam a defesa dos direitos humanos das minorias sexuais, como é caso da Woman and Law in Southern Africa (WLSA), Associação Lambda, Liga dos Direitos Humanos (LDH) e Pathfinder.

De acordo com WLSA (2008), em Moçambique há um vazio legal no que concerne a questão da homossexualidade, pelo facto de não estar clarificado na Lei moçambicana se ela é aceite ou não.

Bagnol (1996), refere que a homossexualidade em Moçambique vem sendo praticada há bastante tempo e existem grupos sociais como de mineiros, prisioneiros, soldados e curandeiros, onde as práticas homoeróticas são muito frequentes. Na sua perspectiva, tais práticas são frequentes devido ao convívio longo e permanente com indivíduos do mesmo sexo (mineiros, soldados e prisioneiros) e, no caso dos curandeiros, referem ser possuídos por espíritos que os fazem envolver-se com indivíduos do mesmo sexo.

Segundo Bagnol (1996), o homoerotismo para os mineiros ou indígenas não era pecado e não estigmatizavam quem a praticasse. Porém, os dirigentes dos *compounds* mantiveram o silêncio sobre estas práticas e por respeito aos missionários, qualquer pessoa que tivesse relacionamento com outra do mesmo sexo era condenada a 12 meses de prisão. Actualmente, a prática da homossexualidade nas minas diminuiu, devido a maior liberdade de movimento homossexual.

Machava (2013), afirma que no contexto moçambicano, até aos dias de hoje, o preconceito contra a homossexualidade tomou várias formas, e junto algumas crenças, se traduziram na ideia segundo a qual, o indivíduo heterossexual é o “natural e o correcto”, pois, associa-se a ideia de que Deus criou o homem e mulher com o objectivos destes procriarem. E nestas condições, a homossexualidade é tida como uma forma contrária a natureza, consequentemente, contraria a vontade divina. Como resultado, os homossexuais são estigmatizados e discriminados pelos membros da sociedade.

Na sua óptica, tendo em conta que a sociedade é que determina critérios e princípio que regulam o padrão de comportamento que os indivíduos devem adoptar, esse padrão de comportamento é que vai influenciar e condicionar o modo de vida, e a forma como os membros da sociedade devem se comportar, consequentemente, determinam o modelo ideal do indivíduo aceite pela sociedade.

Com base na contextualização apresentada, pode-se observar que em cada época a homossexualidade era concebida de forma diferente. Num primeiro momento, a homossexualidade surgiu com o intuito de tratar de uma doença, mas com o passar do tempo, essa concepção foi mudando e, na actualidade não é encarada como uma doença, mas como um modo de ser. Também, pode-se observar a evolução da concepção "homossexualidade" no contexto moçambicano.

Capítulo I. REVISÃO DA LITERATURA

Vários são os autores que se debruçam sobre a homossexualidade, desta feita, neste trabalho, identificámos dois grupos de estudos que abordam especificamente sobre a identidade homossexual. No conjunto de obras pertencentes ao primeiro grupo, destaca-se a obra de Pereira e Leal (2005), Lacerda *et al.* (2002), Eliason (1996), Heilborn (1996), Nhassengo (2013), e Machava (2013). No segundo grupo de estudos, destaca-se a obra de Pecheny (2004), Barreto (2008), e Carneiro (2003). E a partir disto, definimos a problemática do nosso estudo.

1.1. Abordagem de construção da identidade social

De um modo geral, a abordagem de construção da identidade defende o pressuposto de que o homossexual constrói a sua identidade na relação que vai ter com os outros indivíduos. Nesta perspectiva, a identidade homossexual é construída a partir da ideia de inferioridade, marginalidade e discriminação.

Pereira e Leal (2005), no seu artigo intitulado: *Identidade homossexual e os seus determinantes: Implicações Para a Saúde*, afirmam que a construção da identidade é um processo de auto-classificação no qual o indivíduo reconhece e aplica um rótulo. Assim, a aprendizagem e a aplicação desse rótulo, levam muitas vezes ao confronto com a negatividade. Por esta razão, a questão “sou homossexual?” é muitas vezes respondida com muita ansiedade, dado que a qualidade da resposta terá implicações directas em todos os aspectos da vida do indivíduo, incluindo a sua saúde.

Eliason (1996), no seu estudo intitulado: *Identity Formation for Lesbian, Bisexual, and Gay Persons: Beyond a “Minoritizing” View*, argumenta que um indivíduo que se classifica na categoria de homossexual, activa essa identidade homossexual numa situação social específica, e a oculta em outras situações, como no ambiente de trabalho.

Na sua perspectiva, no processo de construção identitária é fundamental o retorno que o outro dá ao sujeito, pois, o reconhecimento deste sujeito no âmbito colectivo, e o reconhecimento da colectividade por este sujeito, é muito importante para a construção da identidade homossexual. Entretanto, não parece possível separar de maneira categórica os aspectos individuais da identidade homossexual de seus aspectos sociais, na medida em que formam um processo dinâmico. Todavia, o processo de formação e construção da identidade de uma

peessoa, só passa a ser um problema na vida quotidiana quando seu status vê-se ameaçado. Ou seja, não é a aceitação da identidade homossexual que coloca o sujeito em risco social, porém, o estigma socialmente imposto a esta identidade.

Lacerda *et al.* (2002), desenvolveu um estudo sobre: *as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva de representações sociais*, onde argumenta que existem várias formas de preconceitos sobre a homossexualidade, e que a tolerância a minorias sexuais ainda é muito reduzida, demonstrando que o mesmo é expressão do senso comum, de um processo sócio-cognitivo que liga o indivíduo ao contexto de que é produto. Nesta perspectiva, a homossexualidade e o preconceito contra homossexuais são construções sócio-históricas, e as representações sociais que as pessoas têm feito da homossexualidade é que permitirão entender a existência de diversas formas de preconceito.

Heilborn (1996), no seu estudo intitulado: *Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social*, afirma que a construção da identidade homossexual dá-se em três dimensões ou níveis: através de um conjunto de atributos que classificam a pessoa, constituindo pelo modo em que está inserido em um campo de significações sociais; como esses atributos expressam valores que constituem a imagem que as pessoas constroem de si mesmas, e como se estabelecerão as relações com as outras pessoas.

Na senda do mesmo entendimento, ao invés de a identidade ser a expressão de uma substância, uma essência que define os seres humanos, é resultado desse processo que categoriza pessoas por meio de valores pré-existentes que as constroem e as posicionam. Esse processo de produção de sentidos que fabricam formas de ser e estar no mundo, e que assim constroem identidades dá-se através da linguagem.

Nhassengo (2013), no seu estudo intitulado: *as estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor a estigmatização e a marginalização social*, tem como objectivo compreender as estratégias que os homossexuais usam no quotidiano para contrapor o estigma e a marginalização, nas diferentes interacções e espaços sociais heteronormativos. O argumento do estudo é de que em função do contexto social os homossexuais manipulam a sua identidade como estratégia de contrapor o estigma e a marginalização.

De acordo com Nhassengo (2013), a construção da identidade “gay” e “lésbica”, é feita através da articulação entre duas transacções: uma transacção “interna” ao indivíduo (uso da indumentária ou vestuário específico, uso de uma linguagem específica e a adopção de determinado estilo, que os homossexuais definem pela positiva), e uma “externa”

estabelecida entre o indivíduo e as instituições com os quais interage (a sociedade os identifica ou define em função dos atributos estereotipados do estigma). Ou seja, não se pode assumir que existe uma identidade exclusiva destes indivíduos, mas um conjunto de termos para se classificarem, e serem classificados dependendo do contexto e dos sujeitos envolvidos no processo de classificação.

Assevera o autor que, a identidade homossexual forma-se a partir das experiências e vivências vistas pela óptica do seu defeito, ou seja, o homossexual forma a sua identidade a partir da ideia de inferioridade, marginalidade e discriminação. No entanto, a identidade homossexual é construída em relação ao seu desvio, e a forma como os outros o identificam.

Machava (2013), no seu artigo intitulado: *Homossexualidade: Processos e Etapas da Auto-afirmação da Identidade Homossexual Masculina na Cidade de Maputo*, tem como objectivo compreender as dinâmicas do processo de auto-afirmação da homossexualidade masculina, outrossim a forma como se definem. O autor parte do pressuposto de que, sendo a homossexualidade vista pelo maior número dos indivíduos como aberração, grande parte dos homossexuais para não serem discriminados mantêm em sigilo a sua orientação sexual, por causa do preconceito que existe em relação à própria homossexualidade e as crenças de estigmatização que giram em torno desta, pois, valores sociais e familiares influenciam no modo como os homossexuais vivem, comportam-se, e como eles vêm a si mesmo.

Explica o autor que, apesar de a sociedade determinar os critérios e os princípios que regulam o padrão de comportamento que os indivíduos devem adoptar, esse padrão de comportamento é que vai influenciar e condicionar o modo de vida, e a forma como os membros da sociedade devem-se comportar, conseqüentemente, determinam o modelo ideal do indivíduo aceite pela sociedade. Isto é, o homossexual não é visto com bons olhos pelos indivíduos da Cidade de Maputo. Deste modo, os homossexuais em seu contacto diário com os membros da sociedade se deparam com as conseqüências e os efeitos de terem uma orientação sexual diferente. Uma dessas conseqüências, é o preconceito que já está incutido no seu dia-a-dia pela forma como eles são tratados, e isso faz com que estes se sintam inseguros.

1.2. Abordagem de estigma

Essa abordagem defende que os homossexuais elaboram estratégias de manipulação de sua identidade, como forma de evitarem o estigma por parte da sociedade. Deste modo, os homossexuais manipulam a sua identidade tendo em conta o contexto em que se encontram.

Pecheny (2004), no seu artigo intitulado: *identidades discretas*, afirma que as relações estabelecidas por gays e lésbicas dão-se em três mundos distintos: o das pessoas que sabem, o das pessoas que não sabem e o dos pares homossexuais. Assim, o medo da revelação não chega a impedir os actos homossexuais, mas funciona para criar um contexto repressivo que determina um tipo de interacção social favorável a dissociação entre a sexualidade e o afecto ao privilégio do anonimato. Neste sentido, os homossexuais mantêm suas identidades discretas, ou seja, não assumem publicamente a sua orientação sexual e em distintos níveis, por terem reconhecimento que podem ser discriminados, estigmatizados, e até excluídos pela sociedade.

Assevera o autor que, os homossexuais não escondem apenas a sua orientação sexual para a sociedade, mas também não assumem diante das suas famílias e amigos de infância. Assim, em um contexto de discriminação da homossexualidade, a capacidade de simular constitui recurso de protecção, pelo facto dos homossexuais estarem a violar as normas num contexto racista. Deste modo, a homossexualidade constitui um segredo fundamental da identidade e da relação dos indivíduos com os homossexuais.

Barreto (2008), no seu artigo intitulado: *Diversidade e Preconceito: Identidade Homossexual em Ipanema*, parte do pressuposto de que por receio, insegurança ou para preservar-se de possíveis constrangimentos, uma pessoa pode ocultar uma identidade para poder exercer certos papéis, ou para poder participar de um determinado grupo. Nisso, influem razões que variam desde a cultura de dominação em relação a certas posturas até preconceitos explícitos, que não aceitam que uma pessoa com uma determinada identidade frequente um grupo.

No seu entender, pode-se notar que é comum os homossexuais sofrerem exclusão no momento em que expõem a sua identidade em determinados locais, ou na presença de determinados grupos, chegando alguns a sofrerem até mesmo agressões físicas, que se intensificam nos casos de homossexuais que assumem posturas mais associadas com o feminino, assumindo um género discordante com o seu sexo.

De acordo com Barreto (2008), para melhor entender como é formada essa identidade e vivência homossexual, deve-se considerar uma série de factores que podem interferir na

realidade dos indivíduos que a partilham, sendo o preconceito o primeiro a ser considerado, por actuar muitas vezes de forma directa na vida destes indivíduos, resultando na sua discriminação.

Ressalta-se neste estudo que, o preconceito existe pelo não conhecimento da realidade do indivíduo homossexual, pela falta de informação por parte do outro, e até mesmo por parte do próprio indivíduo, associando ao homossexual as concepções negativas e irreais. Factos como esses, fazem com que muitos homossexuais não vivenciem de forma plena a sua identidade, vivendo “dentro do armário”, pois o facto desse sujeito assumir a sua identidade homossexual traria problemas na vivência de suas outras identidades, e na sua vida em sociedade, por haver conflitos entre essas identidades, do meio em que ele está.

Carneiro (2003), no seu artigo intitulado: *Palavras em jeito de medo: Expressões linguístico-identitárias*, afirma que o preconceito que a sociedade tem em relação à homossexualidade, é que faz com que os homossexuais não assumam a sua orientação sexual, e que haja uma separação de ambientes de convivência entre os homossexuais e os heterossexuais.

As abordagens de identidades sociais e de estigma convergem ao afirmarem que a sociedade cria meios de categorizar os homossexuais, e que esses atributos com os quais se referem à eles são negativos. Porém, divergem, na medida em que a abordagem de identidades sociais está preocupada com a forma como se dá a construção da identidade, e enfatiza o facto de se dar através de um processo de auto-classificação do indivíduo, no qual reconhece e aplica o rótulo que por vezes leva ao confronto com a negatividade.

A abordagem de estigma está preocupada em mostrar as causas que estão por detrás do comportamento dos homossexuais. Portanto, afirma que em um contexto de discriminação da homossexualidade, os indivíduos arranjam formas de manipular a sua identidade, de modo a corresponderem com as expectativas esperadas pela sociedade.

A perspectiva Biológica parte do princípio de que a homossexualidade é hereditária, enquanto a construtivista defende que a homossexualidade é construída socialmente na interação que os homossexuais vão ter com grupo de pares. O nosso estudo, não pretende contrapor a abordagem construtivista à abordagem biológica, o que pretendemos é articular os aspectos da perspectiva biológica e construtivista. Ou seja, pretendemos nos cingir no meio dessas duas abordagens, de modo a resgatar aspectos relacionados à abordagem construtivista e à abordagem biológica, pois os estudos, ao abordarem o fenómeno da homossexualidade preocupam-se em olhar para o homossexual como aquele que vai construir a sua identidade na interação que vai desenvolver com os outros indivíduos, ou em conceber

a homossexualidade como sendo hereditária. Entretanto, torna-se relevante compreender o fenómeno "homossexualidade", tendo em conta o que acontece na família de cada homossexual. Deste modo, o estudo tem como pergunta de partida: *existe relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares?*

Para esta pergunta, formulámos a seguinte resposta provisória – hipótese: não só o contexto social influencia na orientação sexual dos homossexuais, mas também, o contexto familiar influencia na sua orientação sexual.

Capítulo II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1. Teoria Base

Visto que a pesquisa tem como fundamento olhar para os homossexuais (gays e lésbicas), não de uma forma isolada, mas para o meio pela qual eles interagem, para se compreender melhor a realidade do objecto de estudo, onde se busca a relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares, este estudo baseou-se na teoria construtivista de Berger e Luckmann (2004). Nesta teoria, recorreremos aos conceitos de objectivação, subjectivação e socialização.

De acordo com Berger e Luckmann (2004), cada sociedade apreende a realidade de forma diária, como uma realidade ordenada e objectiva que se impõe à sociedade, e orientando os seus esquemas de acção, os actores sociais embora estejam envolvidos no processo de construção da realidade, não percebem a realidade de forma objectiva, mas de forma subjectiva, o que faz com que acabem assumindo a realidade social como sendo naturalmente ordenada.

Os autores enfatizam o facto de a estrutura social ser determinada pelos códigos culturais e pelas instituições normativas e não por códigos genéticos. Estes autores, ressaltam ainda a ideia de que a cultura é uma dimensão construtiva do ser humano em conjunto com as determinações biológicas, e consideram o homem como um produto sócio-cultural, mas advogam também o facto dos actores sociais serem produtores de cultura e formas sociais.

Nesta perspectiva, a análise da dinâmica entre a acção e a cultura é desenvolvida nos termos de tensão entre a tendência para absolutizaras de ordens convencionais, ou entende-se como todo adquirido, e a contrária para relativizar e submeter à crítica as ordens constituídas.

Berger e Luckmann (2004), colocam a tónica no processo de socialização, onde distinguem entre a socialização primária que consiste na formação dos papéis sociais, e a socialização secundária que é o processo de internalização da aprendizagem dos processos padronizados ou institucionalizados. Não obstante, é na socialização secundária que se desenvolve a reflexividade, e que se tornam possíveis segundo os autores o processo de modificação, e transformação das formas estruturais, ligados à contínua produção de diferentes formas culturais.

Segundo Berger e Luckmann (2004), deve-se criar a tendência de transformar algumas instituições sociais para associação, para integrarem os significados num todo coerente embora articulado segundo diferenciações funcionais. Os autores dão ênfase ao sistema de

símbolos, fundamentalmente a linguagem que possui a função de tornar objectivas e acessíveis a todas as experiências comuns entre os indivíduos no seio de uma comunidade linguística, tornando-se assim a base e o instrumento da cultura colectiva.

A teoria de Berger e Luckmann (*idem*), constitui uma combinação do paradigma holístico e atómico, na qual combina a estrutura e o agente. Deste modo, essa teoria beneficiou ao estudo, na medida em que forneceu as bases a partir dos quais os gays e lésbicas constroem significados que dizem respeito à relação entre a sua orientação sexual e a orientação sexual de seus familiares. Esta teoria, permitiu não só olhar para os gays e lésbicas de forma isolada, mas como pessoas que interagindo com outros indivíduos interiorizam significados dos quais não participou na sua construção, assim como dos quais participou.

2.2. Definição e Operacionalização de Conceitos

Neste capítulo, definiu-se e operacionalizou-se os conceitos: orientação sexual, homossexualidade e família.

2.2.1. Orientação sexual

Este conceito é definido por vários autores que compartilham o facto da orientação sexual ser a preferência sexual de cada indivíduo.

Suplicy (1986), define a orientação sexual "enquanto a expressão sexual de cada indivíduo por um membro de outro sexo, do mesmo sexo, ou por ambos os sexos". Para o autor, não se sabe se a orientação sexual é determinada pelo social, por factores biológicos ou sociais. Diante da definição apresentada pelo autor, podemos observar que não descarta o facto da orientação sexual ser determinada por factores sociais ou biológicos.

Por sua vez, Costa (1994), prefere usar a expressão orientação sexual como sendo afectivo-sexual, e para ele, a "orientação sexual" é usada para designar se esse relacionamento se vai dar com alguém do sexo oposto, do mesmo sexo, ou com pessoas de ambos os sexos. Diferentemente de Suplicy (1986), este estudioso, acrescenta o termo "afectivo" para deixar claro que esse relacionamento não é só de ordem sexual, mas também envolve o amor e o afecto, onde o afecto pode ser de natureza positiva ou negativa, isto porque, nem sempre o afecto e sexo estão relacionados. Um dos pontos que podemos notar na definição de Costa (1994), é o facto de não mencionar se a orientação sexual é determinada por factores biológicos ou sociais.

As definições acima mencionadas são similares por abordarem a orientação sexual enquanto relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, sexo oposto ou de ambos os sexos. No estudo, optamos por fazer o uso da definição de Suplicy (1986), que olha para a orientação sexual como a preferência que a pessoa tem de se relacionar com pessoas de sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos, e que não se sabe se é determinada por factores sociais ou biológicos. Neste sentido, acreditamos que tanto os factores biológicos e sociais podem determinar a orientação sexual dos homossexuais.

2.2.2. Homossexualidade

Para Banditer (1993), a homossexualidade é compreendida enquanto uma relação que envolve pessoas do mesmo sexo: homem/homem ou mulher/mulher, e que se constitui como um modelo anormal de comportamento. Podemos observar na definição acima que, o autor concebe a homossexualidade somente enquanto uma relação que envolve duas pessoas, e que não traz a possibilidade da homossexualidade se referir a atracção entre duas pessoas do mesmo sexo por mais que não cheguem a se relacionar.

Por sua vez, Oliveira (2004), concebe a homossexualidade como a atracção que uma pessoa sente por outra do mesmo sexo, mesmo que esta não se envolva na relação. Nesta definição, a homossexualidade constitui uma simples atracção sem que necessariamente se precise materializar a relação entre a pessoa que atrai e a pessoa atraída. Podemos verificar na definição do autor que, o importante é a atracção que uma pessoa sente por outra do mesmo sexo e não o grau do envolvimento na relação.

As definições de homossexualidade apresentam um consenso quanto à sua consideração em envolver pessoas do mesmo sexo, contudo, divergem quanto ao nível do envolvimento entre si. Neste sentido, recorreremos ao uso da definição de Oliveira (2004), que concebe a homossexualidade como atracção de uma pessoa por outra do mesmo sexo. Para o estudo, não interessou o grau de envolvimento entre os homossexuais, nem o facto de serem ou não assumidos, mas o facto de serem homossexuais, pois pretendíamos captar informações acerca da relação entre a orientação sexual dos mesmos (gays e lésbicas) e orientação sexual de seus familiares.

2.2.3. Família

De acordo com Nogueira (s/d), a expressão família, num primeiro momento surgiu com o intuito de designar o conjunto de escravos e servidores que viviam sob a jurisdição do "pater" famílias. Com sua ampliação, tornou-se sinónimo de "Gens" que seria o conjunto de agnados (os submetidos ao poder em decorrência do casamento) e os cognados (parentes pelo lado materno). No decorrer do tempo, o termo família passou a ser usado para se designar a uma sociedade natural formada por indivíduos unidos por laços de sangue ou de afinidade, onde os laços de sangue resultam da descendência, e de afinidade resultam da entrada de um dos cônjuges e seus parentes que se agregam à entidade familiar pelo casamento.

Na sequência, Ardore *et al.* (s/d), define família como sendo a unidade básica de desenvolvimento, experiência, realização, fracasso, saúde e enfermidade. Na sua óptica, cada família é única, diferindo em tamanho, elementos que a compõem, valores, etc. É um sistema altamente interactivo, pois, o que ocorre com um de seus elementos repercute-se em todo ele e está inserida em uma unidade social maior, sofrendo o impacto de guerras, recessão económica, etc.

As definições acima diferem, na medida em que Nogueira (s/d), ao definir família tende a olhar como sendo aquela formada por laços de sangue e afinidade, onde os laços de sangue resultam da descendência, e os laços de afinidade resultam com a entrada de um dos cônjuges, enquanto Ardore *et al.* (s/d), olha para a família como sendo a unidade básica de desenvolvimento, experiência, realização, fracasso e enfermidade, e não trás os elementos essenciais que constituem a família. Neste sentido, para o estudo recorreremos à definição de Nogueira (s/d), na medida em que olhamos para a família como sendo aquela constituída por laços de sangue. Assim sendo, o conceito família para o estudo, envolve os progenitores dos homossexuais, avós, tios, primos e irmãos.

Capítulo III. METODOLOGIA

Neste capítulo do trabalho, apresentamos a metodologia que adoptámos para a realização do estudo, onde trazemos os métodos aos quais nos recorreremos, as técnicas de recolha de dados, as técnicas de definição da amostra e os constrangimentos que enfrentámos durante a recolha de dados. Procurámos também explicar os procedimentos que seguimos para colocar em prática cada um destes elementos.

No entanto, antes de explicitarmos os procedimentos que considerámos relevantes, importa realçar que adoptámos uma abordagem qualitativa, por esta dar ênfase aos significados que os actores sociais possuem sobre um determinado fenómeno. De acordo com Minayo *et al.* (1994), o método qualitativo permite saber quais os actores sociais têm uma vinculação mais significativa com o fenómeno estudado, não evidenciando os critérios numéricos, pelo facto de estar voltada para dados produzidos pelas interacções interpessoais provenientes da co-participação das situações em que os indivíduos estão envolvidos.

Em termos de sua aplicação, ao basearmo-nos na abordagem qualitativa, começamos por construir o nosso objectivo de estudo (relação entre a orientação sexual dos homossexuais e a orientação sexual de seus familiares) a partir de indicadores concretos da realidade dos homossexuais ao longo da pesquisa exploratória que realizámos na Lambda. Com base na leitura que realizamos e na recolha dos dados, fomos reconstruindo os conceitos inerentes ao nosso pressuposto teórico como à forma como operacionalizámos os conceitos, de modo a darmos mais prioridades ao universo simbólico partilhado pelos homossexuais no seu quotidiano.

3.1. Método de procedimento

Como método de procedimento, privilegiámos o monográfico que, nos possibilitou partir de informações ligadas a relação entre a orientação sexual dos homossexuais e a orientação sexual de seus familiares, que só poderiam ser acessíveis depois de se atingir um nível profundo de exploração. Foi neste sentido que pudemos atingir e recolher informação na qual conseguimos identificar os factores que influenciam na orientação sexual dos homossexuais.

Segundo Gil (2007), o método monográfico "parte do princípio de que o estudo de um caso pode ser considerado representativo em muitos outros", ou seja, entende-se que o estudo de

um caso pode ser caracterizado como um estudo exaustivo permitindo conhecer ampla e detalhadamente a área seleccionada.

3.2. Método de abordagem

Como método de abordagem, recorremo-nos ao hipotético-dedutivo, que, de acordo com Demo (2000), este método parte de um problema definido pelo pesquisador, que é solucionado através de hipóteses de investigação que são sujeitas à verificação através da pesquisa empírica. Ao escolhermos este método, reconhecemos o facto de também termos partido de uma hipótese de estudo que procuramos testar ao longo do desenvolvimento da investigação.

A aplicação do método hipotético-dedutivo começou com a leitura de estudos sobre a construção da identidade sexual dos homossexuais, onde observámos a tendência em apontar que os homossexuais constroem a sua identidade somente na interacção que vão estabelecer com os outros indivíduos. Consideramos uma lacuna, em função da observação que fomos realizando no nosso quotidiano, onde vimos que os homossexuais não só podem sofrer influência por parte do seu quotidiano, mas também dentro da própria família. Desta forma, combinando a literatura sobre o fenómeno e a observação, construímos a hipótese que nos conduziu ao longo da realização do trabalho.

3.3. Técnica de recolha de dados

A técnica de recolha de dados que recorremos, é a entrevista semi-estruturada (Rizzini, *et al.*, 1999: 63), que foi aplicada através de um guião de entrevista que elaborámos de acordo com os objectivos do trabalho, quadro teórico e variáveis que retirámos da hipótese construída. Com base neste guião, apresentamos as questões aos gays, as lésbicas e aos pais, fazendo novas questões em função da especificidade de cada caso dos com os quais trabalhámos. Assim, a introdução de novas perguntas permitiu-nos identificar a posição realmente assumida pelos homossexuais, diante da homossexualidade.

3.4. População e delimitação da amostra

O universo populacional foi constituído por homossexuais (gays e lésbicas), membros da Associação Lambda. O critério usado para a selecção de entrevistados na Associação Lambda foi o facto de se reconhecerem como homossexuais. Foram também entrevistados os pais, de forma a captar aspectos relacionados à homossexualidade em suas famílias, assim como a sua visão em relação à orientação sexual de seus filhos.

Se tratando de um estudo que foi orientado pela abordagem qualitativa, e que não buscou nenhum tipo de representatividade numérica, onde o principal instrumento de recolha de dados foi o próprio pesquisador, o estudo teve uma amostra por conveniência ou acessibilidade.

De acordo com Gil (2007), este tipo de amostra constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. A partir desta amostra, o pesquisador selecciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma representar o universo. No estudo, entrevistamos os homossexuais (gays e lésbicas) e alguns pais a que tivemos acesso, e para termos acesso aos pais usámos como ponto de partida os próprios homossexuais, que nos forneceram dados dos pais e a disponibilidade destes. No entanto, seleccionou-se os pais que estavam disponíveis para a realização das entrevistas.

Em função da não necessidade da representatividade do grupo alvo, para o estudo foram seleccionados (8) gays, (7) lésbicas e (5) pais. A nossa amostra, foi constituída por homossexuais (gays e lésbicas), com o intuito de captar informações dos dois lados que dizem respeito a orientação sexual dos mesmos tendo em conta o seu contexto familiar. A escolha dos pais na pesquisa, deveu-se ao facto dos mesmos poderem trazer alguns detalhes relacionados à sua família, que os seus filhos poderiam não ter conhecimento. Neste sentido, foi necessário também recorrer-se aos pais, com o intuito de trazerem a realidade conhecida e desconhecida pelos filhos.

3.5. Procedimentos de recolha de dados

Entrevistámos homossexuais (gays e lésbicas), membros da Associação Lambda, como uma associação de defesa de minorias sexuais. Para o efeito, apresentámos uma credencial fornecida pela instituição que representámos (FLCS/UEM), de modo a sermos identificados e reconhecidos como investigadores. Na submissão da credencial, foi-nos exigida à apresentação do projecto de pesquisa e o guião de entrevista, o que facultámos de modo a garantir a facilidade de acesso ao grupo alvo.

Após a entrega do projecto de pesquisa e guião de entrevista, aguardámos algum tempo para que entrassem em contacto, e após entrarem em contacto connosco, foi necessário apresentarmo-nos à Lambda, de modo a esclarecermos alguns aspectos sobre a natureza do estudo. De seguida, foram-nos facultados os contactos dos homossexuais (gays e lésbicas) para que os convidássemos a participar do estudo, o que foi facilitado pelo facto de termos falado em nome da instituição da qual fazem parte.

As entrevistas foram feitas individualmente em locais escolhidos pelos entrevistados, de modo a evitar o risco de estes influenciarem-se uns aos outros nas respostas. Deste modo, entrevistámos alguns homossexuais (gays e lésbicas) na associação Lambda, e outros nalguns locais da Cidade de Maputo.

Em função da disponibilidade dos homossexuais, trabalhámos durante o período da manhã e da tarde. Explicamos aos nossos entrevistados que em função dos nossos objectivos, também gostaríamos que os seus pais participassem na pesquisa. Assim sendo, um determinado grupo nos facilitou o acesso aos pais, e em função da disponibilidade dos pais trabalhamos apenas no período da tarde, porque alegavam que durante o período da manhã não teriam disponibilidade devido às suas ocupações.

Obedecendo ao princípio de consentimento informado, pautamos por expor os objectivos do estudo, de modo explícito para os entrevistados antes do início das entrevistas, deixando ao seu conhecimento a possibilidade de abandonarem as entrevistas a qualquer momento, desde que tivessem esse objectivo. Neste sentido, garantimos que todos os entrevistados participassem do estudo de forma livre e voluntária. Recorreu-se à gravação de voz para registar as entrevistas, pois os entrevistados consentiram que usássemos um gravador.

3.6. Constrangimentos da pesquisa

No que diz respeito aos constrangimentos, importa ressaltar que para termos acesso ao grupo alvo, de modo que conseguíssemos realizar a pesquisa, foi necessário passar por um processo burocrático na Associação Lambda para que nos facilitassem o acesso aos homossexuais, o que acabou fazendo com que o processo de recolha de dados levasse muito tempo.

Não obstante estarmos providos de uma credencial da Universidade Eduardo Mondlane, os responsáveis da Associação Lambda alegavam que não era suficiente ter credencial para poderem nos facilitar o acesso aos entrevistados. Para além da credencial, tínhamos que levar o projecto para verificarem. Tendo feito o que nos foi imposto, deparamo-nos com a demora, tendo permanecido um mês a espera.

Outro constrangimento, diz respeito aos próprios entrevistados, na medida em que ao chegarmos ao local frequentado por eles, alguns se recusaram a colaborar na pesquisa, e não quiseram ao menos ouvir o objectivo do estudo, pois alegavam estarem cansados com pessoas que vão a Lambda para entrevistá-los, e que não vêem o benefício dos estudos, mas com o passar do tempo esse constrangimento foi ultrapassado, na medida em que o nosso grupo alvo foi-se aproximando aos poucos.

Capítulo IV. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS EMPÍRICOS

Neste capítulo do trabalho procedemos com a apresentação da análise, interpretação e discussão dos dados de campo, obtidos acerca do fenómeno em análise. Nesta ordem de ideias, sistematizámos cinco subcapítulos, sendo que no primeiro trazemos o perfil sócio-demográfico dos homossexuais (gays e lésbicas) e dos pais, no segundo as trajectórias afectivas e sexuais dos homossexuais (gays e lésbicas), no terceiro as percepções da homossexualidade entre os homossexuais (gays e lésbicas), no quarto a relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares. E por fim, as percepções dos pais em relação à orientação sexual de seus filhos.

4.1. Perfil sócio-demográfico dos homossexuais (gays e lésbicas)

Este é o espaço que dedicaremos à apresentação, análise e discussão de dados obtidos no campo, no que concerne ao perfil sócio-demográfico com base nas seguintes variáveis: idade, orientação sexual, estado civil, nível de escolaridade, residência e actividade remunerada. A pesquisa comportou um total de quinze (15) homossexuais, sendo que oito (8) se auto-define como gays e sete (7) se auto-define como lésbicas, com idades compreendidas entre os 19 aos 28 anos.

No que tange à variável estado civil, identificámos apenas duas categorias, a categoria de casado representado por um (1) entrevistado, e a de solteiro representado por uma maioria de catorze (14). Quanto ao nível de escolaridade, quatro (4) possuem o nível básico, sete (7) possuem o nível médio, e quanto ao nível superior é possível constatar dois (2) grupos. O primeiro é daqueles que se encontram ainda a frequentar a licenciatura, que é constituído por três (3) entrevistados, e o segundo corresponde ao nível de licenciatura concluído, que é composto por um (1) entrevistado.

Quanto à residência dos entrevistados, na sua maioria, residem nos bairros periféricos da Cidade de Maputo, tais como: Maxaquene, Mafalala, Chamanculo e Malhangualene, com excepção de cinco (5), dos quais um (1) reside em Malhazine, um (1) no bairro Patrice Lumumba, um (1) na Matola "f", um (1) em Benfica e um (1) em Liberdade. Estes dados demonstram que na sua maioria, os homossexuais que frequentam a Lambda são oriundos dos bairros periféricos da Cidade de Maputo.

No que diz respeito à actividade dos entrevistados, na sua maioria trabalham como agentes comunitários e activistas na Associação Lambda, com excepção de quatro (4), que para além de trabalharem como agentes comunitários e activistas na Lambda, desenvolvem outras actividades, onde uma que se identifica como lésbica trabalha no salão como cabeleireira, dois (2) que se identificam como gays são professores, e um (1) faz negócios.

A partir destes dados referentes ao perfil sócio-demográfico, podemos observar que todos os nossos entrevistados têm certa aproximação com a escolaridade, na medida em que o seu nível de escolaridade varia entre o ensino básico ao ensino superior, e não existe entrevistado que seja analfabeto. Quanto à variável idade, os dados não apresentam diversidade, na medida em que o grupo alvo é constituído apenas por jovens.

No que concerne às variáveis: estado civil, residência e actividade remunerada, os dados apresentam pouca diversidade, na medida em que a maior parte dos entrevistados são solteiros, oriundos de bairros periféricos da Cidade de Maputo, e trabalham na Lambda como agentes comunitários e activistas, com excepção de alguns que, para além de serem agentes comunitários e activistas na Lambda, desempenham outras actividades.

4.1.2. Perfil sócio-demográfico dos pais

A pesquisa envolveu cinco (5) pais, onde todos eram do sexo feminino. Participaram somente as mães dos homossexuais no estudo, porque os pais não se mostraram disponíveis a cooperar para a realização do estudo. Sendo assim, entrevistamos somente as mães, e a faixa etária situava-se entre os 39 aos 50 anos.

No que tange ao nível de escolaridade, uma (1) possui o nível superior, três (3) possuem o ensino médio, e uma (1) está a frequentar o ensino superior.

Todas são casadas, sendo que uma (1) é professora, uma (1) é doméstica, uma (1) é comerciante, uma (1) é enfermeira, e uma (1) é educadora.

4.2. Trajectórias Afectivas e Sexuais dos homossexuais (gays e lésbicas)

Nesta parte procedemos com a apresentação de dados referentes às trajectórias afectivas dos homossexuais, partindo do momento da consciencialização dos seus desejos sexuais, até as decisões tomadas.

Com base nos dados recolhidos, notamos que na sua maioria, os homossexuais tiveram a percepção de sua orientação sexual na infância, pelo facto de apresentarem comportamentos opostos às crianças do mesmo sexo. No caso dos gays, tinham vontade de brincar as "ditas" brincadeiras femininas, e no caso das mulheres preferiam brincar com os rapazes, e por esse motivo eram chamadas de "menina rapaz", como ilustram as descrições abaixo referenciadas:

Eu comecei a ter noção da minha orientação sexual desde que era criança, porque eu gostava de vestir como se fosse homem, não gostava de criar cabelo, e à medida que fui crescendo quando passava uma mulher bonita eu sempre apreciava, (Lésbica, 26 anos, cabeleireira).

Eu acho que desde a minha criancice suspeitava que era homossexual, meu pai sempre comprava brinquedos para minhas irmãs e para eu brincar, e eu sempre brincava com bonecas e não carrinhos, (Gay, 24 anos, activista na Lambda).

Eu tive conhecimento que sou homossexual quando era criança pelos meus gostos, porque gostava de brincadeiras masculinas, sempre estava com rapazes, queria jogar bola, entre outras brincadeiras masculinas e por isso me chamavam de Maria rapaz, (Lésbica, 24 anos, comerciante).

As transcrições acima demonstram que a percepção da orientação homossexual, tanto para os que se auto-definem como gays e lésbicas, é um processo que inicia desde a infância de ambos, e que se manifesta através de preferências em brincadeiras e na forma de vestir. Conforme afirmam Costa & Vanin (2005), desde muito cedo o ser humano se envolve numa real, confusa e dolorosa tarefa de auto-compreensão e afirmação sexual.

D'emilio (1983), afirma que a homossexualidade é reconhecida como uma orientação sexual que está presente desde a infância. Nos depoimentos acima, podemos observar que, os gays afirmam que ao invés de brincarem com brinquedos masculinos como carrinhos na sua infância, se identificavam mais com brincadeiras femininas.

Quanto às lésbicas, preferiam brincar com rapazes, jogar bola e devido à preferência de estarem mais com os rapazes como ilustra um dos depoimentos acima referenciado, os outros acabavam chamando a elas de "menina rapaz". A outra fase referente ao processo de percepção da orientação sexual dos gays e das lésbicas é a preferência no que diz respeito à forma de vestir.

Pese embora muitos tenham afirmado que tiveram a percepção da sua orientação sexual na infância, pelo facto de se identificarem mais com brincadeiras inclinadas para cada um dos géneros, alguns referiram que tiveram a percepção da sua orientação sexual durante a adolescência e juventude, depois de um contacto afectivo-sexual com pessoas do mesmo sexo. Observemos as citações abaixo:

Eu tive conhecimento da minha orientação sexual com os meus 16 anos, primeiro escondi e depois decidi assumir o que sou aos 23 anos, (Lésbica, 28 anos, balconista de pastelaria).

Eu notei que era assim, acho que com os meus 14 anos, depois de uma amiga no tempo ter me beijado, depois de ela ter me beijado eu nem queria mais lhe ver, mas não conseguia tirar aquele beijo da minha mente, foi assim que eu vi que era homossexual, (risos), (Lésbica, 25 anos, estudante).

Aos 16 anos na escola, eu diria que nasci assim, mas com uma amiga descobri que era "diferente", (Lésbica, 19 anos, agente comunitário na Lambda).

Eu tive a noção que sou homossexual aos 14 anos, depois do meu primeiro beijo numa festa com amigo, (Gay, 22 anos, estudante).

Tenho um amigo massagista, eu não sabia, eu acabava de voltar de trabalho e ele a me fazer massagem e aconteceu, foi em 2008, foi assim que percebi que sou homossexual, (Gay, 26 anos, estudante).

Com base nos depoimentos acima, pode-se notar que o processo de percepção da orientação sexual dos homossexuais não ocorre de forma homogénea, na medida em que para uns acontece muito cedo, ainda na sua infância, e conseguem notar através de suas preferências ao brincarem e nos gostos pelas roupas a vestirem. Para outros, ocorre mais tarde, depois de algum tipo de estímulo, um contacto afectivo com pessoas do mesmo sexo como: troca de beijo, carícia.

De acordo com Sánchez (2009), a homossexualidade pode ser confirmada na adolescência, através da interacção de vários factores psicossociais e biológicos que levam a orientação sexual. Na sua óptica, a orientação do desejo costuma-se manifestar de forma clara em torno da puberdade e numerosas pessoas recordam antecedentes claros de sua heterossexualidade ou de sua homossexualidade antes das mudanças púberes, mas muitas outras não possuem recordações precisas.

No que diz respeito à assimilação da orientação sexual por parte dos homossexuais, observamos duas categorias de respostas. A primeira categoria é daqueles que não tiveram dificuldades em lhe dar com a sua orientação sexual. E a segunda é dos que tiveram dificuldades em lhe dar com a sua orientação sexual. Podemos observar os depoimentos

abaixo de homossexuais (gays e lésbicas) que não tiveram dificuldades em lidar com a sua orientação sexual:

Eu sou uma daquelas pessoas que não tem nada a ver, não foi surpresa para mim, porque desde há muito tempo eu sabia, antes de eu pensar em mim pensei na família, mesmo em roupa evitava pôr roupas apertadas, mas eles já estavam cientes, (Gay, 21 anos, activista na Lambda).

Quando eu tive a certeza que sou homossexual não me espantei, porque já vinha desconfiando de mim mesmo, (Gay, 25 anos, estudante).

No meu caso, não foi espantoso, foi normal porque já falava com algumas pessoas homossexuais e tinha atracção por mulheres, (Lésbica, 26 anos, cabeleireira).

Eu já desconfiava, como gostava de estar com mulheres já desconfiava e não tive má reacção e para mim isso foi super normal, (Gay, 19 anos, activista na Lambda).

Com base nos depoimentos acima, podemos notar que alguns homossexuais não tiveram dificuldades em assimilar a sua orientação sexual, porém, preferem continuar agindo como heterossexuais. A esse respeito, Pereira e Leal (2005) afirmam que, na incompatibilidade de compreensão dos papéis sexuais, os indivíduos podem atingir logo uma aceitação privada da identidade.

Outro grupo de homossexuais é daqueles que ficaram em conflito consigo mesmo, a procura de uma explicação para o que estava a acontecer com eles, alguns ainda sem terem nenhuma certeza de que realmente eram ou não homossexuais, podemos observar os depoimentos que seguem:

Quando eu tive a certeza que sou homossexual quis procurar alguém para saber o que estava a acontecer comigo, mas não cheguei de ter forças, porque não sabia como as pessoas iam me ver, já que todos tem expectativas em relação aos outros, no meu caso esperam que eu venha a casar, ter filhos e não namorar com pessoas do mesmo sexo, (Lésbica, 24 anos, estudante).

No princípio foi difícil já que a sociedade e a religião contribuem para a discriminação, mas fui tendo informação e acabou sendo fácil, eu disse sou assim, deixe-me ser como eu sou, (Lésbica, 19 anos, activista na Lambda).

A minha reacção foi estranha, mas fui vendo que não é doença, é algo normal, somos muitos, apesar de a sociedade ser contra a homossexualidade, não tive uma reacção estranha, (Gay, 26 anos, estudante).

Com base nos depoimentos acima, notamos que no momento de percepção da orientação sexual, os homossexuais não aceitaram de imediato o que estava a acontecer com eles. Assim sendo, se encontraram num estágio de confusão de identidade que é frequente durante a fase

da adolescência, quando pensamentos de uma possível homossexualidade provocam conflito interno e incerteza (Troiden, 1985). Com tempo, procuraram explicações para o que estava a acontecer e foram vendo que não era doença.

Berger e Luckmann (2004), apresentam três momentos que resultam de um processo dialéctico contínuo entre o homem e o mundo social que são: exteriorização que refere-se ao processo em que o indivíduo exterioriza a realidade objectivada à subjectivada. A objectivação é o processo pelo qual os produtos exteriorizados da actividade humana adquirem o carácter de objectividade. E por fim, a interiorização que se refere ao processo pelo qual o mundo social objectivado é reintegrado na consciência no curso da socialização.

Nos depoimentos acima citados, podemos notar que os homossexuais no percorrer de sua vida passam pelos três momentos propostos por Berger e Luckmann (2004), na medida em que interiorizaram a realidade de que a homossexualidade é algo que a própria sociedade condena moralmente, pois, o homem deve unir-se a mulher para poderem procriar, e a união de duas pessoas do mesmo sexo estaria a limitar a procriação.

Essas percepções que os mesmos têm, é reforçada pela instituição igreja que também reprova a união entre duas pessoas do mesmo sexo, e tendo interiorizado essa realidade passam por uma dualidade de sentimento, o dos que após a consciencialização de sua orientação sexual agem normalmente, e a dos que não sabem o que fazer de imediato, por medo de serem estigmatizados pela sociedade, devido à essa realidade da vida quotidiana que interiorizam. Entretanto, podemos observar alguns depoimentos abaixo, de homossexuais que com ajuda de seus pais procuraram a “cura homossexual”, principalmente em igrejas:

Já tentei ir a igreja para ver se deixava de ser gay, fiquei distante das redes sociais um ano, mas depois voltei, vi que nasci assim, (Gay, 19 anos, activista na Lambda).

Os meus pais me levaram a igreja, os pastores oraram para que esse demónio que eles dizem que eu tenho saísse, me aconselharam, até que eu comecei a namorar com rapazes para ver se esquecia esse meu lado homossexual, tive uma filha, morei com meu namorado durante uns 3 anos sem me envolver com uma mulher, mas com o tempo eu voltei a ter recaída, porque eu sentia que não era feliz, algo estava a me faltar e agora mantenho duas relações, uma heterossexual e outra "homo", (Lésbica, 26 anos, cabeleireira).

Quando questionamos os homossexuais acerca de, em algum momento da vida terem feito algo, de modo a rejeitarem a sua orientação sexual, deparamo-nos com a situação de homossexuais que tentaram abdicar de redes sociais, pelo facto de pensarem que as mesmas estariam a influenciá-los. O Primeiro depoimento ilustra que durante o tempo que o entrevistado ficou distante das redes sociais notou que, por mais que se distanciasse delas

(redes sociais) não poderia deixar de ter a orientação homossexual. Assim sendo, podemos notar que o entrevistado tinha amigos homossexuais, e por esse motivo preferiu distanciar-se das redes sociais. Somente com o passar do tempo, foi notando que não eram as amizades que estariam a influenciar na sua orientação sexual, e que desde a sua infância poderia ter tendências homossexuais, porém, notou a medida que foi crescendo.

Outros, tentaram procurar a "cura homossexual" nas igrejas, porque achavam que estavam possuídos por espíritos, mas as orações não chegaram de dar efeito. O segundo depoimento acima apresentado ilustra que, as pessoas associam a homossexualidade a maus espíritos, coisas diabólicas. Entretanto, se apoiam na igreja como uma forma de eliminarem os maus espíritos.

Berger e Luckmann (2004), definem a socialização como sendo o momento em que o indivíduo se torna membro da sociedade, interiorizando a realidade à sua volta. Deste modo, podemos verificar que, os homossexuais tendo interiorizado a realidade à sua volta, procuram formas de encontrar a cura homossexualidade.

Malva (2011), afirma que o facto de a sexualidade ser influenciada por inúmeros factores que interagem de forma complexa entre si, faz com que nem sempre seja fácil de prever a reacção de cada pessoa perante um mesmo estímulo sexual. Esta dificuldade está associada à complexidade da conduta sexual humana, na qual a sexualidade mediatiza todo o nosso ser, mas também, é mediatizada pelo que somos.

Embora existam casos de homossexuais que tenham se envolvido em relações heterossexuais para agradar os seus pais, não são felizes nesses relacionamentos, porque não é o que querem, mas o fazem para agradar os outros, e é por isso que para alcançarem a felicidade acabam mantendo dois relacionamentos, uma de fachada, a que a sociedade de um modo geral aprova, e a outra homossexual.

Dando continuidade com a trajectória dos homossexuais, deparamo-nos com a situação de um entrevistado que relatou o caso de um familiar que era homossexual, mas que através de orações, os pastores conseguiram reverter à sua orientação sexual. Vejamos o depoimento abaixo:

Eu nunca tentei fazer nada, mas minha mãe diz que tem um primo que morra na África do Sul que era homossexual, mas que lhe levaram a igreja com os tios para curarem a ele e conseguiram, hoje ele está curado, tem uma mulher e filhos, mas há... eu duvido que tenham lhe curado, porque para mim a pessoa sendo uma vez homossexual será sempre homossexual, (Gay, 22 anos, agente comunitário na Lambda).

O trecho abaixo elucida o caso de um entrevistado que afirma ter um primo que segundo a mãe era homossexual, mas que foi levado a igreja para ser curado, e os pastores conseguiram encontrar a “cura homossexual”. Por sua vez, o entrevistado afirma não acreditar na cura, pois, na sua óptica a pessoa sendo uma vez homossexual, será sempre homossexual.

Tendo em conta o depoimento acima apresentado, podemos deduzir que é possível que o primo da mãe esteja a manter dois relacionamentos, um heterossexual e outro homossexual, de modo com que os outros não saibam que é homossexual, e também é possível que ele tenha se envolvido com homens na sua adolescência apenas por curiosidade.

Na sequência, o entrevistado afirma que a homossexualidade não tem cura, e que mesmo um homossexual casando com outra pessoa de sexo oposto, de modo a tentar renegar a sua orientação sexual, sempre haverá algo, uma barreira que lhe separará do seu parceiro, como podemos observar:

Uma coisa é se tu fores homossexual não tem cura, tem esses que casam mas não são felizes, meu parceiro casou e tem 2 filhos, mas não era feliz, por exemplo se tu fores homossexual e casares, sempre pode existir uma barreira que lhes separará. Meu parceiro é advogado e como estamos numa sociedade preconceituosa não pode assumir a sua orientação sexual, (Gay, 19 anos, agente comunitário na Lambda).

A partir do depoimento acima ilustrado podemos observar que, o entrevistado afirma não existir a cura para a homossexualidade, e que há pessoas que casam, mas não são felizes. O entrevistado deu exemplo do seu parceiro que casou e tem dois filhos, mas não é feliz. No entanto, mantém outro relacionamento com ele, porém o namorado tem medo de assumir a sua orientação sexual devido à profissão.

Outro momento importante relacionado à trajetória dos homossexuais, no que diz respeito à percepção de sua orientação sexual, tem a ver com a decisão de contar ou não para alguém. As perguntas, a quem contar? Como? E quando? Não são fáceis de serem respondidas, e com frequência o sujeito não sabe como as demais pessoas reagirão à notícia (Soliva, 2010). No caso de poderem escolher a quem revelar a sua orientação sexual, os homossexuais tendem a preferir indivíduos que acreditam serem menos preconceituosos e que responderão positivamente, como ilustram as passagens seguintes:

No momento contei simplesmente ao meu amigo sobre a minha orientação sexual, tive medo de também compartilhar com a minha família porque não sabia como eles iam reagir, o meu amigo em momento nenhum virou as costas para mim, ele sempre me apoiou em tudo, (Gay, 19 anos, activista na Lambda).

Após a descoberta de minha orientação sexual compartilhei tudo com a minha prima, ela até disse que já desconfiava, mas só que era antes de ter oportunidade para me contar, até depois que eu lhe contei nos tornamos muito próximos que antes, (Gay, 22 anos, estudante).

No início só foram colegas com os quais estudava, eles não eram homossexuais, eram simplesmente amigos, (Gay, 20 anos, agente comunitário na Lambda).

Contei para minha amiga e só depois contei a minha mãe, (Lésbica, 24 anos, estudante).

Com base nos trechos acima citados, podemos notar que num primeiro momento, os entrevistados compartilharam sobre a consciencialização de sua orientação sexual com as pessoas pelas quais têm muita afinidade, alguns com seus primos, amigos, e os pais foram os últimos a saberem. Pese embora, os pais estejam presentes no processo de socialização dos filhos desde a sua infância até a sua idade adulta, são os últimos a saberem sobre a orientação sexual dos filhos (Soliva, 2010).

A auto-aceitação de sentimentos homossexuais pode levar o indivíduo a entrar em conflito consigo mesmo (D'Augelli, 2003). No entanto, assumir-se para si mesmo, geralmente leva o indivíduo a revelar-se a outra pessoa pela primeira vez, experiência que é descrita como extremamente difícil, sobretudo no que se refere à escolha das pessoas adequadas.

Tendo em conta que os homossexuais não são homogêneos, na medida em que cada um reagi de uma determinada forma depois do conhecimento de sua orientação sexual, em alguns casos, os homossexuais não compartilham esse momento com outras pessoas, isso podemos observar nos trechos abaixo:

Não contei a ninguém quando eu soube que sou homossexual, e não contei porque não saberia como iam agir, (Lésbica, 26 anos, cabeleireira).

No início não disse a ninguém, mas quando decidi assumir contei a minha mãe, (Lésbica, 28 anos, balconista de pastelaria).

Quando eu soube que sou gay não cheguei de contar a ninguém por medo, não sabia o que iam dizer de mim, por isso preferi ficar calado, (Gay, 25 anos, agente comunitário na Lambda).

Os dados acima reflectem que, para um determinado grupo de homossexuais foi difícil assimilar o conhecimento de sua orientação sexual. Podemos observar no primeiro depoimento que, a entrevistada afirma não ter contado sobre a sua orientação sexual a ninguém, pelo facto de não saber como os outros iam reagir.

Percebemos que a maior parte dos homossexuais (gays e lésbicas) que participaram no estudo, já passaram pelas cinco fases sugeridas por Sánchez (2009), referentes ao processo de formação de sua identidade social:

Primeira fase: confusão: a pessoa se sente diferente, confusa, surpreende-se consigo mesma, não crê em sua situação, se pergunta se é verdade. Pode começar de muitas formas: nas fantasias, com certas experiências sexuais ou com a paixão por uma pessoa do mesmo sexo.

Segunda fase: tomada de consciência: o menino e a menina tomam consciência de que são homossexuais através de suas fantasias reiteradas, seu comportamento, seus sentimentos e seus desejos. Depois da confusão, vem à confirmação e a impossibilidade de negar, pode ser uma etapa muito difícil, na qual diversas pessoas se sentem perdidas e sozinhas, especialmente se eles mesmos participam de rejeição social contra a homossexualidade, se são homofóbicos, ou vivem em famílias ou ambientes onde acreditam que não são aceites.

Terceira fase: reconhecimento é quando não somente se tem consciência, mas também se dá um passo a mais reconhecendo diante de si mesmo à homossexualidade, é o primeiro passo para a verdadeira aceitação.

Quarta fase: aceitação da homossexualidade: a pessoa não somente sabe que é assim, como também aceita totalmente o fato de ser homossexual.

Quinta fase: expressão social, onde os homossexuais aceitam o que isso significa socialmente e são capazes de "sair do armário".

4.2.1. Relacionamento dos homossexuais (gays e lésbicas) com familiares

Nesta secção, tentamos explorar a realidade sobre o relacionamento dos homossexuais com os seus pais, de modo a captar se os pais têm ou não conhecimento em relação à orientação sexual dos filhos, se depois do conhecimento dos pais sobre a orientação sexual de seus filhos a relação continuou a mesma ou mudou.

Os dados abaixo ilustram que por vezes, quando os filhos compartilham com os seus pais sobre a sua orientação sexual, o relacionamento entre ambos muda, como podemos aferir:

Eu achei melhor contar aos meus pais porque pode chegar a eles os comentários maléficos. O meu pai falou que não queria ouvir que sou homossexual, porque ele me educou para eu ser um homem de verdade, e que eu não poderia lhe decepcionar, tinha que fazer o impossível para me curar deste vírus, (Gay, 20 anos, agente comunitário na Lambda).

Eu disse minha mãe que eu gosto de homens, eu namoro com homens, eu me envolvo sexualmente com homens, aquilo foi um choque, ela me expulsou de casa e ficamos quase um

ano sem nos falar e fui viver em casa da minha prima que também é homossexual. Agora por vezes costumo lhes visitar, mas minha mãe não gosta que eu fale sobre a minha orientação sexual, (Gay, 25 anos, agente comunitário na Lambda).

Desde que contei que sou homossexual, a minha mãe não é tão próxima a mim, ela já não conversa comigo que nem antigamente, sei que ela está decepcionada comigo por eu ser homossexual, mas não posso fazer nada, (Lésbica, 25 anos, agente comunitário na Lambda).

O meu pai falou que não quer saber de lhe apresentar parceiro, foi espantoso para mim, mas como eu tive que entender a parte dele, não chegou de me expulsar de casa, simplesmente disse que não queria que lhe apresentasse a pessoa, (Gay, 29 anos, agente comunitário na Lambda).

Com base nos depoimentos acima, podemos verificar em alguns casos que, quando os pais têm conhecimento que os seus filhos são homossexuais, o relacionamento entre ambos muda. Concatenando com esses depoimentos, Pereira *et al.* (2003) *apud* Pereira, (2011), afirma que os preconceitos contra grupos minoritários são resultantes de representações que os grupos majoritários criaram sobre a natureza positiva do seu grupo e negativa do grupo alvo do preconceito. Para si, as funções dessas representações são as de justificar as práticas sociais discriminatórias contra grupos minoritários, para preservar a situação de dominação dos grupos majoritários.

Berger e Luckmann (2004) afirmam que, é com base no conhecimento que os indivíduos possuem e nas representações sociais que constroem sobre a realidade que lhes rodeia que orientam as suas acções quotidianas. No entanto, podemos observar que apesar dos gays e lésbicas terem conhecimento da rejeição de seus pais aquando da revelação de seus desejos homossexuais, chega o momento em que decidem partilhar que são homossexuais.

Em alguns casos, os pais são mais compreensivos quando os filhos decidem revelar sobre a sua orientação sexual, na medida em que momentos depois da revelação, procuram meios de apoiá-los:

Quando decidi assumir contei a minha mãe, ela não se espantou, ela me apoiou e disse que eu sou uma pessoa normal como qualquer outra e que ser homossexual não me faz diferente de ninguém, (Lésbica, 28 anos, balconista de pastelaria).

Minha mãe sabe que sou gay e agiu normalmente porque toda mãe sabe qual é a orientação do filho. Meu pai não tem conhecimento, nem meus irmãos, só uma que me segue é que tem conhecimento, mas os meus primos sabem. Ainda estou a preparar o terreno para poder contar ao meu pai. Os meus primos reagiram com indignação porque nem toda gente aceita, por algum momento afectou a nossa relação, mas hoje em dia conversamos normalmente, (Gay, 26 anos, estudante).

Quando contei a minha mãe, ela não se espantou porque na família dela já teve um homossexual, e para ela homossexual é uma pessoa como qualquer uma, e quando contei ao meu pai sobre a minha orientação sexual, ele num primeiro momento ignorava sobre isso, dizia que não queria ouvir nada sobre isso, mas hoje em dia já não se importa com o facto de eu ser homossexual, (Lésbica, 28 anos, balconista de pastelaria).

Desde o primeiro momento que contei sobre a minha orientação sexual a minha mãe me apoia, só pede que não seja uma coisa feita por dinheiro, com o meu pai primeiramente foi difícil, mas hoje em dia somos mais que amigos, ele só pediu que não se vestisse como mulher e que deixasse de frequentar a Lambda e não brincar mais com os meus amigos, e para confiar em mim eu demonstrei ao meu pai, que eu não sou homossexual por querer, mas que sim eu nasci assim, e que eu ia continuar sendo amigo deles, (Gay, 22 anos, estudante).

A esse respeito, Silva *et al.* (2010) afirma que, em algumas relações afectivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo estão envolvidos interesses financeiros, em que alguns homens mantêm relações sexuais com outros homens, apenas para obterem benefícios materiais e financeiros. Por esse motivo, no último depoimento, a mãe do entrevistado afirmou que apoia o filho, porém não quer que ele se envolva com pessoas do mesmo sexo com o objectivo de obter fins lucrativos.

Com base nos depoimentos acima apresentados, podemos observar que, no acto dos entrevistados revelarem sobre a sua orientação sexual à família, primeiro recorrem às mães devido a proximidade que têm com elas. Portanto, as mães ao terem conhecimento da orientação sexual de seus filhos, são mais compreensivas que os pais, e em alguns casos, a relação entre mãe e filho melhora, pois elas tornam-se ainda mais próximas aos seus filhos.

Em situações em que os pais rejeitam os filhos, os mesmos procuram meios de fazer os pais entenderem que a visão que têm sobre a homossexualidade é "errada", e isso podemos notar no último depoimento acima, quando o pai do entrevistado afirmou que o filho deveria deixar de manter contacto com os seus amigos homossexuais e frequentar a Lambda, mas o filho demonstrou ao pai que não poderia cortar relações com os seus amigos e deixar de frequentar a Lambda, pelo facto do pai achar que influenciam na sua orientação sexual.

Berger e Luckmann (2004) acrescentam afirmando que, os indivíduos estão continuamente sujeitos à interiorização de novas informações que, sendo integradas no seu estoque de conhecimento, passam a ser à base da interpretação da realidade e de certo modo, de orientação das suas acções. Nas sociedades actuais, onde se multiplicam as fontes de informação, os actores sociais estão sujeitos a reavaliar, interpretar, e reinterpretar as suas práticas em função dessa informação à qual vão tendo acesso.

Os dados revelam que, em alguns casos, depois do conhecimento da orientação sexual de filhos, a relação dos pais para com eles não mudou e até melhorou, porém, em outras situações, os laços familiares se distanciaram. Outro ponto importante a ressaltar, diz respeito a existência de maiores dificuldades por parte dos pais em aceitarem a orientação sexual dos filhos do que as mães.

4.3. Percepções da homossexualidade entre os homossexuais (gays e lésbicas)

Nesta secção do trabalho, retratámos dos dados que nos permitem analisar e interpretar as percepções que os homossexuais têm da homossexualidade. Neste sentido, primeiro procuramos saber dos homossexuais sobre o seu ponto de vista em relação ao facto da orientação sexual ser ou não uma opção.

Quando questionamos os homossexuais (gays e lésbicas) acerca da sua visão em relação à forma como olham para a homossexualidade, percebemos que se referiram a homossexualidade não como uma opção, mas como inerente à sua pessoa, e que foi se revelando naturalmente à medida que foram crescendo, como demonstram os trechos abaixo:

Eu acredito que nasci homossexual, em nenhum momento posso afirmar que comecei a virar homossexual, apenas ao crescer acabei me dando conta que gosto de me relacionar com pessoas com o mesmo sexo. Se fosse para voltar a nascer de novo eu ia querer ser heterossexual para poder ter uma vida tranquila, (Lésbica, 28 anos, balconista de pastelaria).

Eu acho que nasci assim, porque eu não me lembro de em algum momento ter gostado de mulheres sabe, eu sempre tive atracção por homens. Epah, para mim, eu já era homossexual desde o ventre da minha mãe. Se fosse para escolher, eu seria heterossexual, mas eu gosto de ser o que sou, (risos), (gay, 19 anos, agente comunitário na Lambda).

Os depoimentos acima elucidam que os homossexuais (gays e lésbicas) têm a percepção de que nascem homossexuais, na medida em que a sua orientação sexual é inerente a eles, e não depende da sua vontade.

Dieter (s/d) afirma que, o correcto é utilizar a expressão orientação sexual, e não opção sexual. Não se utiliza a última expressão em razão de que não se trata de uma opção, isto é, eu não me torno homossexual porque eu quero ser, mas porque sou, é resultante de uma involuntariedade do agir homossexual. Dessa forma, a orientação sexual de uma pessoa depende de sua identidade pessoal, ou seja, por quem ela sente atracção sexual: se é por

pessoa do mesmo sexo (homossexual), ou se é por pessoa de sexo oposto. Porém, sentir-se atraído não é uma opção, mas um sentimento involuntário.

Quanto à influência cultural e ao meio social, se a definição da sexualidade dependesse dos factores externos, certamente não teríamos homossexuais, afinal, ainda hoje a sociedade faz "apologia à heterossexualidade", apontando essa como a correcta e aceitável (Dieter, s/d). Concatenando com as ideias do autor, os depoimentos acima apresentados demonstram que, no ponto de vista dos homossexuais, se a orientação sexual dependesse deles, escolheriam a orientação sexual aceitável e que a sociedade considera como sendo a correcta.

Vecchiati (2008), partilha da opinião de que nenhuma pessoa escolhe ser homo, hétero ou bissexual, pois as pessoas simplesmente se descobrem de uma forma ou de outra. No seu entender, não há "escolha", mesmo porque, se houvesse opção, certamente as pessoas optariam pela orientação sexual mais fácil de ser vivida, ou seja, aquela que não sofre com o preconceito social (a heterossexual). Em suma, a sexualidade não se escolhe, se descobre, pois embora não se tenha conhecimento da origem da homossexualidade, se genética, biológica ou social, o facto é que não se trata de uma opção livre, porque ninguém quer escolher ter a orientação sexual que leve à discriminação.

Do mesmo modo que identificámos as perspectivas dos homossexuais com relação à concepção de sua orientação sexual, identificámos outro grupo que se referiu que a escolha foi de assumirem diante dos outros que são homossexuais. Observemos os depoimentos abaixo:

Eu não escolhi a orientação sexual que tenho, mas o que eu tenho a certeza que escolhi foi assumir diante de todos a minha orientação sexual, o que eu fiz foi me decidir por aquilo que eu já era, e não esconder para as pessoas, por mais que falem disso, (Gay, 24 anos, activista na Lambda).

Há... ninguém escolhe gostar de pessoas com o mesmo sexo que ele, apenas o que a pessoa faz é tentar negar aquilo que é. Eu assim não quis ser homossexual, e no início tentei esconder para as pessoas, mas agora há... não tenho nada a ver, eles podem falar o que quiser, o que importa é que estou a viver a minha vida do jeito que quero, (Lésbica, 19 anos, activista na Lambda).

Os depoimentos acima apresentados demonstram que os gays e as lésbicas não tiveram escolha dos seus desejos sexuais. Porém, a escolha foi de assumirem socialmente a orientação homossexual. Entretanto, enquanto a homossexualidade em si não é considerada uma escolha, pode-se dizer que, em um sentido mais profundo, o indivíduo de facto escolhe

tornar-se homossexual, isto é, adoptar uma identidade homossexual, quando atravessa o rito de passagem de assunção da homossexualidade (Kates, 1998).

Nunan (2003), reconhece que a homossexualidade em si não é uma escolha, porém a escolha é tornar-se gay ou lésbica, ou seja, adoptar a identidade homossexual.

Sullivan (1996), afirma serem comuns entre homossexuais, os casos em que não há uma opção pela homossexualidade, mas um processo de reconhecimento e enfrentamento de algo que já é inerente ao indivíduo.

A socialização secundária é o processo de internalização da aprendizagem dos processos padronizados ou institucionalizados (Berger e Luckmann, 2004). Com base neste conceito, podemos observar que, os homossexuais ao começarem a ter contacto com os outros, vão procurar aprofundar melhor sobre a sua orientação sexual, e com base em as suas experiências do quotidiano, vão decidir entre adoptar ou não a orientação homossexual. Caso decidam adoptar a orientação homossexual, vão se relacionar com pessoas comuns a eles, frequentar lugares de sociabilidade homossexual, e interiorizar valores que lhes são transmitidos nesses locais, de modo com que possam lidar com a sua orientação sexual. E, é com base nesses novos valores que lhes são inculcados, que os mesmos passam a guiar a sua vida no dia-a-dia.

Os dados que analisámos nos parágrafos anteriores coadunam com a literatura apresentada, ao se referirem a homossexualidade não como uma opção, mas como inerente aos indivíduos. No entanto, considera-se que a opção é a assunção da orientação homossexual.

Quanto aos motivos que podem ter contribuído para que os entrevistados se tornassem homossexuais, deparamo-nos com duas (2) categorias de respostas. A primeira é que ninguém lhes induziu a se tornarem homossexuais, e a segunda é que foram induzidos por amigos, podemos observar os depoimentos abaixo:

Ninguém me induziu para ser homossexual, ninguém me influenciou, eu nasci assim, desde o ventre da minha mãe já era homossexual, simplesmente ao crescer fui vendo e analisar o que estava a acontecer comigo, procurei me informar mais acerca da homossexualidade, e um dos sítios que me ensinou a lidar com a minha orientação sexual foi a Associação Lambda, (Gay, 25 anos, agente comunitário na Lambda).

Antes de eu ter me envolvido com uma outra pessoa do mesmo sexo, não me lembro de ter tido tendências homossexuais, tudo começou quando eu me relacionei com esse meu amigo que estava a me fazer massagem e depois me acariciou e aconteceu, foi ele quem despertou em

mim esse lado homossexual, eu gostei e depois disso nunca mais deixei de me relacionar com pessoas do mesmo sexo que eu, (Gay, 26 anos, estudante).

Com base nos depoimentos acima, notamos que alguns entrevistados partem do princípio de que ninguém lhes induziu a se tornarem homossexuais, pois afirmaram que nasceram com tendências homossexuais, e que ao crescerem foram se informando sobre a sua orientação sexual e aceitar o que são. E outros afirmaram ter sido através de influências externas que acabaram despertando o seu lado homossexual.

De acordo com Schutz (1979), no mundo da vida quotidiana, a realidade social é construída através de um estoque de conhecimento, que o indivíduo vai acumulando ao longo do tempo, e para se relacionar, entender, significar as coisas, lança mão de estoque de conhecimento, e esse conhecimento que vai acumulando ao longo de sua vida não é homogêneo.

Não sendo homogêneo o conhecimento que os indivíduos vão acumulando ao longo de sua vida, os homossexuais (gays e lésbicas) não partilham da mesma visão em relação aos factores que podem estar envolvidos na sua orientação sexual. Compreendemos que, por um lado, os homossexuais acreditam que a sua orientação sexual esta relacionada à sua família, e por outro lado, os homossexuais acreditam que a sua orientação sexual não está relacionada à sua família. No entanto, podemos observar os trechos abaixo:

A minha orientação sexual é algo relacionado à minha família, tanto por lado da minha mãe, como do meu pai tem homossexuais, por isso acho que tem muito a ver com a família em que nasci. Ta ver, tenho dois primos homossexuais, um em cada parte da família, por isso é normal que um dos filhos da minha mãe tenha saído homossexual, eu acredito que a pessoa já nasci homossexual, (Gay, 19 anos, agente comunitário da Lambda).

Para mim, a orientação sexual da pessoa pode ter a ver com questões genéticas, porque eu não vejo explicação de como a pessoa vira homossexual, porque muitos de nós já desde criança temos comportamentos que nos identificam como homossexuais, (Lésbica, 19 anos, agente comunitário na Lambda).

Eu acho que a orientação da pessoa não tem nada a ver com o facto de existir alguém na família que seja homossexual, mesmo não existindo homossexual na família a pessoa pode ser homossexual. No meu caso, não tenho conhecimento de alguém na família que seja homossexual, mas eu sou homossexual. Mas também para mim, a pessoa já nasce homossexual, porque isso de que vou me tornar à medida que cresço não acredito, (Lésbica, 26 anos, estudante).

Se é que a minha orientação sexual tem a ver com a minha família é complicado dizer, mas o que eu posso garantir é que nasci homossexual, na minha família existem homossexuais, mas

acredito que não tem a ver, mas eu não escolhi ser homossexual, (Gay, 25 anos, agente comunitário na Lambda).

Os depoimentos acima elucidam duas (2) categorias de respostas: a primeira é de que a orientação sexual dos homossexuais está relacionada à própria família, pelo facto de acompanharem situações do género em suas famílias.

A segunda é de que a orientação sexual dos homossexuais não está relacionada à sua família, pois os entrevistados afirmaram que existem famílias em que há um só homossexual. Porém, em outros casos, os entrevistados afirmaram não serem os únicos homossexuais na família, e que mesmo não sendo os únicos, a sua orientação sexual não está relacionada à existência de outros homossexuais na família. Pese embora, tenham afirmado que a sua orientação sexual não está relacionada à família, os entrevistados não deixavam de enfatizar que depende da sua involuntariedade.

Ao longo das entrevistas, notamos que os entrevistados não aceitam ser chamados de gays e de lésbicas, e preferem que lhes chamem de homossexuais, ou pelos próprios nomes, razão pela qual surgiu-nos a inquietação de querer saber o porquê se identificam como homossexuais, e não aceitam que as pessoas usem termos como: gays e lésbicas. No entanto, podemos observar os argumentos dos homossexuais (gays e lésbicas) nas citações que seguem:

Eu não gosto que me chamem de lésbica porque para mim, eu sinto como se estivessem a ter preconceito comigo, eu prefiro que a pessoa diga aquela ali é uma homossexual, porque é minha orientação sexual, mas me chamar de lésbica não, que me chame pelo nome, o termo lésbica para mim é muito pesado, ao quererem se referir a mim se refiram de homossexual ou mesmo meu nome, (Lésbica, 24 anos, activista na Lambda).

Dizer gay ou lésbica no meu ponto de vista é como se estivesse a dizer que a pessoa possui algum tipo de estigma, mesmo de homossexual eu não gosto que as pessoas na rua fiquem me apontando dizendo que sou um homossexual, porque entre eles porquê é que não dizem olha para aquele heterossexual, só param para apontar aos homossexuais, e isso é muito mau, eu tenho nome e o meu nome não é gay, eu sou homossexual por causa da minha orientação sexual, mas não gosto de ser o centro das atenções, (Gay, 22 anos, estudante).

Os dados revelam que os homossexuais não aceitam que as pessoas ao se referirem a eles usem termos como: gays ou lésbicas, porém aceitam que usem o termo "homossexual" por ser a sua orientação sexual, ou que lhes identifiquem pelos próprios nomes, pois chamá-los de gays e lésbicas é o mesmo que estigmatizá-los.

4.4. Relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a de seus familiares

Neste subtítulo, apresentaremos os dados referentes ao comportamento homossexual na família de origem dos homossexuais. Com isso, pretendemos compreender as repetições de comportamento homossexual nas famílias dos homossexuais. No nosso entender, os homossexuais e as famílias devem ser compreendidos em suas singularidades, bem como em seu percurso no desenvolvimento da orientação sexual. Para tal, perguntou-se aos homossexuais se têm ou não familiares que também são homossexuais. No entanto, na sua maioria, os entrevistados (homossexuais), têm parentes homossexuais, dois (2) desconfiam de alguns membros da família que são homossexuais, e quatro (4) não têm parentes homossexuais, conforme ilustram os depoimentos abaixo:

Agora não tem homossexual na minha família, mas já teve por parte da minha mãe, é o falecido meu avô, era gay, o pai da minha mãe, (Lésbica, 28anos, balconista de pastelaria).

A minha prima por parte do meu pai é homossexual e nós conversamos bem, e foi ela quem me incentivou a contar a minha mãe sobre a minha orientação sexual, (Gay, 25 anos, agente comunitário na Lambda).

Tenho um primo por parte da minha mãe que é homossexual, e por parte do meu pai tenho uma prima que é homossexual e somos muito próximos, (Gay, 19 anos, agente comunitário na Lambda).

Infelizmente não tenho nenhum familiar que é homossexual, por isso que na minha família me discriminam muito, em reuniões familiares eu não gosto de estar porque a minha família fala muito, (Lésbica, 26 anos, estudante).

Por parte da minha mãe tem um sobrinho que é, ele não me disse, mas eu sei que é, mas eu deixo estar como não somos muito íntimos, mas um dia desses eu vou lhe dizer que sei que és. Eu tenho que criar amizade com ele nas redes sociais, (Lésbica, 19 anos, ativista na Lambda).

Tenho um primo por parte do meu pai com tendências homossexuais, falamos normalmente sem discriminação, o meu primo é muito sedutor, tendência ainda não chegou lá, (Lésbica, 24 anos, ativista na Lambda).

Eu acho que tem um homossexual na família, é um primo e quando tem festas familiares ele não tem me encarado bem, por medo de eu descobrir que ele é, porque ele sabe que eu sou, é por parte da minha mãe, (Gay, 24 anos, ativista na Lambda).

Por parte da minha mãe dizem que tem um primo que é, foi uma tia que disse que tem um primo que também é, e que os irmãos são os primeiros a lhe discriminar, (Gay, 21 anos, ativista da Lambda).

Com bases nos trechos acima referenciados, podemos observar três (3) categorias de respostas sobre a existência ou não de outras pessoas com orientação homossexual nas famílias dos homossexuais, podendo variar entre os que têm parentes homossexuais, os que têm desconfiança de alguns familiares e os que não têm parentes homossexuais.

Na primeira categoria, os homossexuais confirmaram a existência de familiares homossexuais. Alguns tanto do lado paterno, quanto materno têm parentes homossexuais. Na mesma senda, no primeiro depoimento acima referenciado, a entrevistada afirmou que teve um ente-querido homossexual do lado materno, o pai da mãe. Assim, podemos perceber que nessas famílias há repetições dos padrões de comportamento homossexual.

Na segunda categoria, os homossexuais comentaram a possibilidade da existência de parentes homossexuais, pois desconfiam de atitudes deles. Podemos observar o sexto e o sétimo depoimentos, que os entrevistados comentam acerca da possibilidade da existência de homossexuais em suas famílias.

Na terceira categoria, os homossexuais afirmaram que não têm parentes homossexuais. No entanto, um dos entrevistados associa a rejeição de sua orientação sexual por parte de seus pais, a inexistência de outro membro homossexual na família.

Berger e Luckmann (2004) consideram que, a cultura é uma dimensão que faz parte do ser humano em conjunto com as determinações biológicas. Esses argumentos reforçam a ideia segundo a qual, tanto o contexto social, assim como o contexto familiar podem influenciar a orientação sexual dos homossexuais. Entretanto, por mais que o indivíduo nasça com tendências homossexuais, o mesmo vai precisar dos valores da sociedade para significar e entender as coisas.

Explicam os autores que a estrutura social é pré-determinada pelos códigos culturais e pelas instituições normativas, e não por códigos genéticos. O que significa que, apesar da orientação sexual dos homossexuais ser relacionada ao seu contexto familiar, na sua maioria, depois da consciência de sua orientação sexual preferem continuar a manipular a sua identidade, como forma de seguirem com os padrões normativos. A esse respeito Nunan (2003), explica que a angústia do homossexual, não é resultado da descoberta, mas da rejeição que sofre ou sofrerá.

Quanto à relação dos homossexuais com os seus parentes homossexuais, deparamo-nos com dois (2) posicionamentos, o dos que têm uma relação muito próxima com seus parentes

homossexuais, e dos que não têm uma proximidade com seus parentes homossexuais. Entretanto acompanhemos os seguintes depoimentos:

Eu e a minha prima conversamos bem, e foi a minha prima quem me incentivou a contar a minha mãe sobre a minha orientação sexual, (Lésbica, 25 anos, activista na Lambda).

A relação com a minha prima e o meu primo é de muita irmandade, confiança, (Gay, 22 anos, estudante).

Eu e o sobrinho da minha mãe não somos muito íntimos, (Gay, 19 anos, agente comunitário na Lambda).

Eu e o meu primo falamos normalmente sem discriminação, (gay, 26 anos, estudante).

A nossa convivência não é boa, tenho medo de me aproximar a ele para perguntar sobre a orientação sexual dele, (Lésbica, 24 anos, activista na Lambda).

A relação de maior parte dos entrevistados com os seus parentes homossexuais é próxima. Durante o processo de percepção da orientação homossexual, ainda na fase de confusão de sua identidade, alguns dos entrevistados tiveram apoio de seus familiares homossexuais, e foram incentivados por eles a contarem aos seus pais sobre a sua orientação sexual. Deste modo, podemos verificar que, a relação deles é muito próxima, de apoio e cumplicidade.

De acordo com Berger e Luckmann (2004), a socialização primária consiste na formação dos papéis sociais. Deste modo, podemos notar que é na família onde os homossexuais aprendem a distinção do género masculino e feminino. Porém, é na família que os mesmos começam a ter percepção dos seus desejos sexuais, antes mesmo de se relacionarem com os outros, se relacionam com homossexuais na sua família.

Em parte, os pais não gostam de ver os seus filhos com seus parentes que também são homossexuais, porque acreditam que de certa forma, o contacto que eles têm é que acaba sendo a causa da orientação sexual de seus filhos, e por isso, dizem aos seus filhos para distanciarem-se de seus parentes, acompanhemos os trechos seguintes:

Meu pai não gosta de ver o meu primo em casa, ele diz que eu sou assim por causa dele e que ele nunca deveria ter deixado sermos próximos. Eu e o meu primo brincamos juntos desde que somos criança, eu ia para casa dele passar férias lá e ele vinha aqui passar férias, mesmo quando ele decidiu assumir que é gay vinha passar final de semana connosco, mas desde que eu contei que também sou gay, o meu pai começou a reprovar a nossa amizade, (Gay, 26 anos, activista na Lambda).

A minha mãe não tem problemas com o facto de eu ser próxima a minha prima, mas o meu pai não gosta de me ver com minha prima, ele não fala nada porque é a sobrinha, mas eu consigo

ver pela forma como nos olha quando estamos juntas a conversar, (Lésbica, 26 anos, balconista de pastelaria).

Com base nos trechos acima, podemos notar que a discriminação parte dentro da própria instituição família, e que determinados pais obrigam os filhos a cortarem relações com os seus próprios familiares devido a orientação sexual deles, pois acreditam que de certa forma esse familiar pode ter contribuído para que o filho fosse homossexual, e que se o filho não tivesse mantido uma relação próxima com o familiar homossexual, essa situação não teria ocorrido. No entanto, podemos notar um certo medo por parte dos pais, no que diz respeito à repetição de orientação homossexual em suas famílias.

4.5. Percepções dos pais em relação à orientação sexual de seus filhos

Neste subtítulo, buscamos explorar acerca do que os pais pensam em relação à orientação sexual de seus filhos, e da existência ou não de outro membro de sua família que seja homossexual. Para tal, num primeiro momento procuramos saber sobre a forma como souberam que os seus filhos são homossexuais. No entanto, observemos os depoimentos abaixo:

Eu soube que o meu filho é homossexual através de comentários de umas amigas, elas já vinham me alertando em relação à forma como o meu filho se comportava, mas eu sempre dizia a elas para pararem com esses comentários, porque não gostava que elas falassem assim em relação ao meu filho, mas no fundo eu também suspeitava, mas não perguntei nada a ele, até que um dia ele decidiu me contar e eu não soube se ia dizer o quê para ele, só fiquei calada, (Mãe, 39 anos, professora).

Eu descobri que a minha filha é homossexual, porque ela mesma me contou, mas eu já desconfiava porque via mensagens no telefone dela muito íntimas no número de uma mulher, mas eu não perguntava nada, quando ela me contou me doeu, mas com o passar do tempo fui entendendo ela, que ela não quis ser assim, são coisas que acontecem na vida, (Mãe, 50 anos, doméstica).

Os depoimentos acima apresentados ilustram que no momento de descoberta da orientação sexual dos filhos, os pais ficaram sem saber como agir com os seus filhos, mas com o passar do tempo acabaram entendendo-os. Deste modo, notamos que apesar das suspeitas sobre a orientação sexual dos filhos, os pais se mantêm em segredo, a espera que os filhos confirmem a eles sobre as suas suspeitas.

Outros, depois de terem noção da orientação sexual dos seus filhos, o que fazem é apoiá-los, na medida em que acreditam que devem ser os primeiros a compreendê-los, e que essa situação não afecta o carinho que tem pelos seus filhos, conforme ilustram os trechos abaixo:

Quando o meu filho me contou sobre a sua orientação sexual eu apoiei a ele, porque ele é uma pessoa normal como qualquer uma, se eu não apoiar ele, quem pode apoiar, eu mesma tenho que estar do lado do meu filho, (Mãe, 45 anos, comerciante).

O meu filho quando contou-me que é homossexual eu agi normalmente, apoiei ele, a nossa relação não chegou de mudar por esse motivo, continuei a olhar ele com os mesmos olhos, porque ser homossexual é ser igual a qualquer uma outra pessoa, não tenho nada contra em relação ao facto dele se envolver com pessoas do mesmo sexo, (Mãe, 41 anos, educadora).

Os depoimentos acima demonstram que, determinados pais quando têm conhecimento da orientação sexual de seus filhos, não demonstram nenhuma mudança quanto ao relacionamento para com eles, na medida em que apoiam a decisão tomada por eles.

De acordo com Soliva (2010), em alguns casos a "descoberta" da homossexualidade pelos pais, geralmente vem acompanhada de graves tensões capazes de romper os laços de solidariedade da família para com os seus filhos. Observemos os trechos a seguir:

Eu digo ao meu filho que ele pode ser o que diz que é, apenas não aceito o facto dele se vestir como gay e que me apresente ou traga namorados aqui na minha casa, isso eu não vou tolerar, apenas tento suportar o facto de ele ser gay, mas no fundo não é isso que eu queria para o meu filho, eu queria que ele casasse com uma mulher e me dê-se netos, por isso ele pode ser gay onde quer que seja, eu apenas não quero que ele demonstre aqui em casa, (Mãe, 45 anos, comerciante).

Para o meu marido não foi fácil aceitar a orientação sexual do filho, eu até lembro que ficaram uns bons meses sem se falarem, o meu marido até chegou a expulsar o meu filho de casa, ele foi morar com avó dele, mas depois convencemos ele a deixar o nosso filho vir morar connosco, mas a relação deles até mesmo agora não é muito boa, (Mãe, 46 anos, enfermeira).

Conforme ilustram os trechos acima, em algumas situações, a descoberta da orientação sexual dos filhos, por parte dos pais pode ser provocada por uma atitude equivocada do filho homossexual, que se vê cercado de dúvidas e incertezas. Isso pode ocorrer, por ele achar que assim estará dividindo com os pais um problema que precisa compartilhar saindo do ocultamento (Soliva, 2010).

No entanto, esse "contar aos pais" pode não vir acompanhada das expectativas positivas esperadas por esses jovens, contribuindo para um aumento das tensões dentro da esfera doméstica. Por conseguinte, a esfera doméstica tende a manifestar-se através de um rígido

movimento de repressão baseado na autoridade familiar, e planos como netos, casamento, continuação da “casa” são imediatamente corrompidos e ameaçados. O que resta é somente a percepção de que precisam fazer algo para resgatarem esses projectos individuais. Entretanto, esse processo cria fortes conflitos que fazem da “casa” um espaço de medos, receios e incertezas.

Sarti (2004) afirma que, a dificuldade dos pais para com os filhos, pode estar relacionada com o facto dos próprios pais ou outros membros da família não se sentirem à vontade, ou capazes de lidar com seus próprios medos ligados a temas como sexualidade. Deste modo, esses medos se relacionam com os projectos individuais com os quais esses familiares tendem a projectar para os seus filhos, sobretudo pais e mães deparam-se com a ruptura imediata dos “sonhos” que criaram em relação ao filho.

Tendo em conta que no estudo procuramos relacionar a orientação sexual dos homossexuais com a de seus familiares, foi necessário também recorrermos aos pais, de modo a termos informações sobre a existência ou não de familiares que sejam homossexuais, pois os pais poderiam ter informações que os filhos poderiam desconhecer, acompanhem os trechos a seguir:

Tem uma sobrinha minha, filha do meu irmão e um tio do meu marido que morra em Gaza que também é, esse tio do meu marido, tem 2 filhas e foi casado, mas depois deixou a esposa, um tempo depois ouvimos que ele estava sempre com um amigo dele, e mais tarde ele contou que estavam a namorar juntos, os filhos tem vergonha do pai, e raramente vão visitar ele, (Mãe, 45 anos, comerciante).

Tenho um meu irmão que é homossexual e ele sempre gostou de vir me visitar e brincar com o meu filho, quando o meu filho contou que também é, o meu marido disse que o meu irmão estava a influenciar o meu filho, que ele queria o meu filho distante dele e que assim quem sabe se essa "bobagem" que estava na cabeça dele ia passar, mas ele acabou vendo que mesmo que quisessem afastar o filho do tio, não havia como. Meu filho nasceu assim, meu irmão não é culpado por ele ser gay, (Mãe, 46 anos, enfermeira).

Além do meu filho, não conheço uma outra pessoa que é homossexual, se é que tem não tenho conhecimento, mas há...si tivesse iam me dizer, (Mãe, 50 anos, doméstica).

Na sua maioria, as mães relataram acerca da existência de outros parentes homossexuais, mas que, apesar disso foi difícil assimilarem a orientação sexual de seus filhos. Com isso, podemos notar que a aceitabilidade dos homossexuais dentro de suas famílias não depende da existência de outros membros homossexuais. Apesar de os pais terem contacto com outros

homossexuais em suas famílias, quando se trata da descoberta da orientação sexual dos filhos, num primeiro momento ficam confusos em relação às decisões a tomarem.

Dando continuidade, quanto à visão dos pais em relação ao relacionamento homossexual dos filhos, notamos que preferiam que os filhos se envolvessem com pessoas do sexo oposto, mas que, apesar de seus desejos não se tornarem realidade, apoiam a decisão deles. No entanto, vejamos os trechos abaixo:

Toda mãe gosta de ver a sua filha a se envolver com um homem, mas eu não posso fazer nada pelo facto dela ser homossexual, (Mãe, 41 anos, educadora).

Uma coisa que eu posso dizer, é que eu não posso condenar a minha filha por ser lésbica, ela não quis ser assim, se calhar o facto de ter uma prima que também é lésbica, faz com que eu apoie muito bem a minha filha e a sua parceira, e me dou bem com a amiga dela, o que importa é a felicidade dela, se ela é feliz eu também sou, (Mãe, 50 anos, doméstica).

Com base no exposto acima, podemos notar que os pais preferiam que os seus filhos se envolvessem com pessoas do sexo oposto, porém o carinho por eles, faz com que os mesmos se conformem em relação à escolha deles. Também, procuram meios de se relacionarem bem com os parceiros de seus filhos.

Determinadas mães partem do princípio de que os seus filhos são homossexuais devido à influência de amigos, e outras não partilham da mesma opinião, podemos observar os depoimentos que seguem:

Se o meu filho não brincasse com amigos que tem, se não frequentasse o espaço que frequenta, se ele nunca tivesse se envolvido com um homem, quem sabe isso não teria acontecido, o meu filho desde criança não me lembro de algum momento ter tido um comportamento anormal, por isso eu fiquei espantada quando falou que gosta de homens, (Mãe, 39 anos, professora).

Eu não sei em que momento a minha filha se tornou lésbica de verdade, porque quando ela era criança namorava com rapazes, eu até lembro que arrancava o telefone dela porque namorava muito, mas há poucos anos me contou que era lésbica, eu não acreditei, até perguntei como minha filha, porque você gostava de rapazes e até me apresentou namorado e agora vem dizer que é lésbica, e ela disse que já desconfiava, mas com uma amiga teve a certeza que era lésbica. Para mim, foi através de suas amizades que ela começou a gostar de mulheres, (Mãe, 50 anos, doméstica).

Eu fui jovem, já passei da fase da adolescência e quando eu estava nessa fase apreciava rapazes e tudo mais, e em nenhum momento cheguei de gostar de mulheres, por isso eu acredito que meu filho nasceu assim, e ao crescer foi se dando conta que é homossexual, por isso que para mim ele não foi influenciado por ninguém, (Mãe, 41 anos, educadora).

Tendo em conta os depoimentos elucidados acima, podemos constatar duas categorias de respostas. A primeira é de que os amigos influenciaram na orientação sexual de seus filhos. No primeiro depoimento, a entrevistada afirma que se o filho não tivesse as amizades que tem e não frequentasse a Lambda não seria homossexual.

A segunda categoria é de que os amigos não influenciaram na orientação sexual de seus filhos. O terceiro depoimento elucidada que uma das mães discorda da opinião de que os amigos influenciaram na orientação sexual de seus filhos, pois afirma que nasceu homossexual, e que com o passar do tempo foi tendo consciência de que é homossexual.

Quanto à influência da família na orientação sexual dos homossexuais, encontramos duas categorias de respostas: a primeira é de que a existência de homossexuais na família não influencia na orientação sexual homossexual de seus filhos, e a segunda é de que a existência de familiares homossexuais influencia na orientação sexual homossexual de seus filhos. Observemos os trechos abaixo:

Na minha família tem homossexuais, mas não acredito que a orientação sexual do meu filho tem a ver com o facto de existir homossexuais. Para mim, são seus amigos que estão envolvidos na orientação dele, porque pelo que me lembro em nenhum momento eu havia visto comportamento estranho nele, ele agia feito homem e agora ao falar ele tem aquela gíngua de homossexual, (Mãe, 39 anos, professora).

O que eu posso garantir é que a pessoa já nasce com algumas características homossexuais, por isso pode sim ter a ver com a família em que se nasce, a pessoa não vira homossexual por querer, se fosse por querer muita gente não ia aceitar ser homossexual. No caso do meu filho, mesmo antes de nascer na família já tinha homossexual, e ainda mais por parte do meu marido e da minha família, por isso eu acredito que sim pode contribuir, não precisa eu ser homossexual para ele ser, mas se calhar pelo facto de na minha família ou do meu marido ter homossexual, (Mãe, 41 anos, educadora).

De um lado, as mães afirmam que a orientação sexual de seus filhos não está relacionada à existência de familiares homossexuais. E de outro lado, as mães afirmam que no seu ponto de vista a orientação sexual dos filhos está relacionada à família em que nasceram, pois em suas famílias existem homossexuais. Deste modo, é normal que também elas viessem a ter filhos homossexuais, e que não é necessário que elas e seus maridos sejam homossexuais, mas o facto de existirem outros membros homossexuais na família pode ser relacionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com base nas constatações e observações aqui apresentadas que estudamos, dentro da perspectiva sociológica, *relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e orientação sexual de seus familiares*, com vista a perceber a orientação sexual dos gays e lésbicas a partir de aspectos relacionados à sua família.

No estudo partimos do pressuposto de que não se podem dissociar aspectos familiares e sociais ao se olhar para a orientação sexual dos homossexuais.

A teoria de construção da realidade ao explicar a dialéctica entre sociedade e o indivíduo, permitiu-nos confirmar a hipótese de, não só o contexto social influencia na orientação sexual dos homossexuais, mas também, o contexto familiar influencia na sua orientação sexual.

Desta forma, os resultados obtidos na pesquisa de campo mostraram que, é na infância e na adolescência que os homossexuais (gays e lésbicas) têm a percepção da sua orientação sexual. Porém, esta percepção é caracterizada por sentimentos de incerteza, medo e confusão, o que os leva a procurar possíveis explicações acerca do que acontece com eles.

Constatamos que, alguns (homossexuais) procuraram a cura homossexual nas igrejas. Alguns depois de procurarem a cura homossexual, ficaram um determinado tempo sem se envolverem com pessoas do mesmo sexo, mas com o passar do tempo acabaram tendo uma recaída homossexual, ou seja, voltaram a se relacionar com pessoas do mesmo sexo. Neste sentido, percebemos que não existe a cura para a homossexualidade. Porém, o que os homossexuais podem fazer é assumir duas orientações sexuais, uma para agradar aos outros e a outra para agradar a eles.

No que concerne às percepções sobre a homossexualidade, os dados revelam que os homossexuais (gays e lésbicas) têm a percepção de que a sua orientação sexual não é uma escolha, na medida em que está presente neles desde a sua nascença. No entender dos homossexuais, a escolha foi pela assunção da orientação sexual e não dos desejos sexuais, pois se fosse uma escolha, na sua maioria escolheriam a orientação sexual aceitável diante da sociedade. Entretanto, este estudo permitiu demonstrar também que não houve escolha da orientação sexual para a maioria dos homossexuais. Porém, à medida que foram crescendo alguns assumiram diante dos outros a orientação homossexual e outros não devido a repressão da sociedade.

Quando procurou-se saber dos homossexuais acerca dos motivos que podem ter influenciado na sua orientação sexual, observamos duas categorias de respostas. Na primeira categoria, os

homossexuais afirmaram que a sua orientação sexual pode ser relacionada à orientação sexual de seus familiares, pelo facto de não serem os únicos homossexuais em suas famílias.

Outros afirmaram que tiveram influência de amigos sobre à sua orientação sexual, pois acreditam que com base em contacto afectivo com pessoas do mesmo sexo tiveram a percepção dos seus desejos sexuais. No entanto, percebemos que os homossexuais não compartilham da mesma visão em relação aos factores envolventes na sua orientação sexual.

Os homossexuais em suas famílias têm parentes que também são homossexuais. Porém, os pais não aprovam o contacto que os filhos têm com esses familiares, porque acreditam que de alguma forma esses familiares tiveram influências sobre à orientação sexual de seus filhos.

Pese embora na família de maior parte dos homossexuais existam casos semelhantes de homossexualidade, tanto do lado materno, quanto paterno, os pais quando descobrem a orientação sexual dos filhos num primeiro momento ficam indiferenciados, mas com o tempo acabam aceitando a orientação sexual homossexual dos filhos. Por fim, concluímos que, embora os pais aceitem a orientação sexual homossexual de seus filhos, os mesmos preferiam que os filhos casassem com pessoas do sexo oposto. Entretanto, percebemos que a partir do momento que os filhos unem-se a pessoas do mesmo sexo, rompem com as expectativas criadas pelos pais durante o processo de socialização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDEMAN, M. (2000). *Paradoxos da Identidade: A política de orientação sexual no séc. XX*. Rev. Social. Polít. Curitiba.

ANASTASIOU, L. Da Graça & ALVES, L. P. (1999). *Estratégias de ensinagem*. Porto Alegre: ARTMED.

ARDORE, M. *et al.* (s/d). *Conceitos e Funções da Família*.

BAGNOL, A, Brigitte. (1996). *Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula*. Maputo: Embaixada do Reino dos Países Baixos.

BANDITER, E. (1993). *XY: Sobre a identidade masculina*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BARRETO, R. C. V. (2008). *Diversidade e Preconceito: Identidade Homossexual em Ipanema*. Rio de Janeiro, S/E.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. (2004). *A construção social da realidade*. 24ª ed., Petrópolis, Editora Vozes.

BUSIN, V. M. (2008). *Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas*. São Paulo.

BUTLER, J. (2003). *Problemas de gênero - feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CAMBACO, O. G. L. (2014). *Fronteiras nas Relações com Homossexuais no Sector Privado: Um estudo sobre os discursos e práticas de discriminação no ambiente laboral*.

CARNEIRO, N. S. (2003). *Palavras em jeito de medo: Expressões linguístico-identitárias da homofobia*. Lisboa.

CECCARELLI, P. R. (2000). *Sexualidade e preconceito*. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 3.

COSTA, R. P. da (1994). *Os 11 Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Gente.

COSTA, M. & VANIN, M. (2005). *Reencontro com a identidade de gênero: contribuições da visão sistémica novo-paradigmática e do psicodrama infantil*. Estudos de Psicologia, p. 175-185.

- D'AUGELLI, A. R. (2003). *Coming Out in Community Psychology: Personal Narrative and Disciplinary Change*. American Journal of Community Psychology. p. 343-354.
- DA SILVA, A. L. & SÁ. L. (1997). *Saber estudar e estudar para saber*. Coleção de Ciência de Educação. Porto, Portugal: Porto editor.
- D'EMILIO, J. (1983). *Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.
- DEMO, P. (2000). *Metodologias do conhecimento científico*. Publicações Atlas, São Paulo. Editora Atlas.
- DIETER, C. T. (s/d). *As Raízes Históricas da Homossexualidade, Os Avanços no Campo Jurídico e o Prisma Constitucional*.
- DOS ANJOS, G. (2002). *Homossexualidade, direitos humanos e cidadania*. Porto Alegre.
- DUBAR, C. (2005). *A Socialização, construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.
- DUTRA, J. (2004). *Desconstruindo as sexualidades*. In: RIOS, Luis Filipe et all (org). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIAS, pp. 158-160.
- ELIASON, M. J. (1996). *Identity Formation for Lesbian, Bisexual, and Gay Persons: Beyond a "Minoritizing" View*. V. 30(3), p. 31-58.
- FAIRCHILD, B. & HAYWARD, N. (1996). *Agora que você já sabe: o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Record.
- FERES, K. O. et al. (s/d). *Homossexualidade: diferentes identidades e estilos de vida*. PUC/SP.
- FILHO, A. de S. (s/d). *Teorias sobre a Gênese da Homossexualidade: Ideologia, Preconceito e Fraude*.
- GIL, A. C. (2007). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª ed., São Paulo, Atlas.
- HEILBORN, M. L. (1996). *Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social* In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

HEILBORN, M. L. (1992). *Vida a dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual*. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Vol. 2, pp. 143-156.

HENRIQUE *et al.* (S/d). *Introdução a sexualidade*.

KATES, S. M. (1998). *Twenty Million New Customers! Understanding Gay Men's consumer Behavior*, New York, Harrington Park Press.

LACERDA *et al.* (2002). *Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva de representações sociais*. João Pessoa: Psicologia, Reflexão e Crítica N. 15, Vol. 1, pp. 165-178.

MACAMO, E. (2004). *A Leitura Sociológica: um manual introdutório*. Maputo, Imprensa Universitária.

MACHAVA, S. J. (2013). *Homossexualidade: Processos e Etapas da Auto-afirmação da Identidade Homossexual Masculina na Cidade de Maputo*, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia Sociologia), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

MALVA, A. (2011). *Actitudes y comportamientos de los adolescentes frente a la sexualidade*. Tese de doutoramento.

MANUEL, S. (2012). *Expressões Da Homossexualidade Em Maputo*, Vol I, Maputo.

MAÚRE, O. F. (2015). *Conjugalidade homossexual: negociação e divisão do trabalho doméstico em casais gays*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

MINAYO *et al.* (1994). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 3ª ed.

MISKOLCI, R. (2007). *Pânicos morais e controle social: Reflexões sobre o casamento gay*. Núcleo dos Estudos de Género Pagu/Unicamp.

NHASSENKO, S. S. K. (2013). *Identidade Gay e Lésbica: estratégias e táticas usadas pelos homossexuais para contrapor o estigma e marginalização social na cidade de Maputo*, (Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciatura na Universidade Eduardo Mondlane).

NOGUEIRA, M. B. (s/d). *A Família: Conceito E Evolução Histórica e sua Importância*.

- NOTA, J. M. (2012). *Representações da homossexualidade e o preconceito contra homossexuais entre estudantes universitários de um curso de biologia, na cidade de Maputo – Moçambique*. UP - Universidade Pedagógica. Maputo – Moçambique.
- NUNAN, A. (2003). *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai.
- PECHENY, M. (2004). *Identidades discretas*. In: RIOS, Luis Filipe et all (org). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIAS, pp. 16-33.
- PEDROSA, J. B. (2003). *Informações para os Pais: Guia de Orientação para PAI e MÃE de homossexual*.
- PEREIRA, H. & LEAL, I. P. (2005). *A Identidade homossexual e os seus determinantes: Implicações Para a Saúde*. V. 23, n.3, p. 315-322.
- PEREIRA et al. (2011). *Preconceito Contra Homossexuais e Representações Sociais da Homossexualidade em Seminaristas Católicos e Evangélicos*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.27, n.1, p.73-82.
- RIESENFELD, R. (2002). *Papai, mamãe, sou gay! Um guia para compreender a orientação sexual dos filhos*. São Paulo: Summus.
- RIOS, L. F.(2008). *Corpos e prazeres nos circuitos de homossexualidade masculina do centro do Rio de Janeiro*. Cidade Universitária, Recife PE.
- RIZZINI et al. (1999). *Pesquisando: guia de metodologia para programas sociais*. Rio de Janeiro, Editora Universitária Santa Úrsula.
- SANCHÉZ, L. F. (2009). *Aproximaciones al estudio de la sexualidade*, Salamanca: Amará Ediciones.
- SARTI, C. A. (2004). *A família como ordem simbólica*. *Psicologia USP*, v.15, n.3, p.11-28.
- SCHUTZ, Alfred (1979), *Fenomenologia e Relações sociais*, In: Wagner R. Helmut, ed.: *Textos Escolhidos de Alfred Schutz*, Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- SILVA, E. L. da & Menezes, E. M. (2001). *Metodologia de pesquisa e elaboração de dissertação*. 3ª ed., Florianópolis.
- SILVA et al. (2010). *Estudo sobre Vulnerabilidade e risco de infecção pelo HIV entre Homens que fazem sexo com Homens na Cidade de Maputo*. Maputo: USAID/UNFPA.

- SOLIVA, T. B. (2010). *Família e Homossexualidade: Uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais*. SL.
- SULLIVAN, A. (1996). *Praticamente Normal: Uma discussão sobre homossexualidade*. São Paulo: Companhia das letras.
- SUPLICY, M. (2004). *Conversando sobre sexo*. Petrópolis: Vozes, 1986. TANHIA, G. Enculé! L'école est-elle homophobe? Paris: Little Big Man.
- TREVISAN, J. S. (2000). *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à actualidade*, Rio de Janeiro: Record.
- TROIDEN, R. (1984). R. *Self, Self-Concept, Identity, and Homosexual Identity: Constructs in Need of Definition and Differentiation*. *Journal of Homosexuality*. V. 10.
- VECCHIATTI, P. R. I. (2008). *Manual da Homoafetividade. Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo*. São Paulo: Método, p. 79.
- WLSA. (2008). *Projectos de pesquisa: Identidades Sociais e Violência*, Maputo.

Anexos



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Consentimento Informado Individual para participação na pesquisa

Título da Pesquisa

Relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares

Meu nome é Nilsa Bernardo Massalambane, sou estudante de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane e estou a desenvolver uma pesquisa para a obtenção de grau de Licenciatura cujo objectivo é compreender a relação entre a orientação sexual dos homossexuais (gays e lésbicas) e a orientação sexual de seus familiares. Com base nesta pesquisa, pretendemos produzir mais conhecimento para a Sociologia no âmbito da sexualidade.

Deste modo, viemos por este meio pedir a sua colaboração para a realização da nossa pesquisa, sendo que a sua colaboração é fundamental para que possamos prosseguir com a pesquisa. Porém, a sua participação é de livre espontânea vontade, estando livre de responder as perguntas, e caso não queira responder a uma determinada pergunta, simplesmente informa e passaremos para outra. Pode desistir de participar no estudo em qualquer momento sem nenhuma consequência. Contudo, esperamos que nos ajude na realização da pesquisa.

Guião de Entrevistas

Secção I. Características sócio-demográficas dos entrevistados

1. Idade
2. Orientação Sexual
3. Residência
4. Estado civil
5. Nível de escolaridade
6. Profissão

Secção II. Trajectória afectiva dos homossexuais

1. Como é que começou a perceber é homossexual?
2. Qual foi a sua reacção quando descobriu que é homossexual?
3. Após a descoberta, contou para alguém?
4. Se sim, como essa pessoa reagiu?
5. Se não, porquê?
6. Os seus pais têm conhecimento da sua orientação sexual?
7. Caso tenham, o que falam em relação a sua orientação sexual?
8. Como é a convivência com os seus parentes?
9. Já sentiu-se desvalorizado por alguns membros da sua família por ser homossexual?
10. Se sim, como tem reagido perante essa situação?

Secção III. Percepções da homossexualidade entre os homossexuais

1. Qual é sua opinião quanto a questão da homossexualidade ser considerada por alguns uma opção sexual e por outros não?
2. Porque você se tornou homossexual? O que você pensa disso?
3. Acha que foi por existir alguém na família que é ou já foi homossexual ou nem por isso?
4. Pensa que ser gay/lésbica tem a ver com a família onde se nasceu?

Secção IV. Relação entre a orientação sexual dos homossexuais e de seus familiares

1. Tem alguém na família que é homossexual?
2. Se sim, o que é para si, e como é a vossa convivência?
3. Caso tenha um familiar homossexual, como é que os seus pais olham para a vossa relação?

Secção V. Perguntas dirigidas aos pais

1. Existe algum membro da sua família que é ou que foi homossexual?
2. Se sim, o que é para si?
3. Como é que soube que o seu filho tem orientação sexual homossexual?
4. Qual foi a sua reacção?
5. Qual é a sua visão em relação ao facto do seu filho se relacionar com pessoas do mesmo sexo?
6. Acha que ser gay/lésbica tem a ver com a família em que se nasce ou por existir alguém na família que também é?

Diversos

1. Há algum comentário que queira fazer sobre algo que não perguntamos?
2. Tem alguma pergunta/questão que gostaria de fazer?

Muito Obrigada pela vossa disponibilidade e paciência